



# SEMIÁRIDO DO NORDESTE DO BRASIL

INVENTÁRIO DE  
BOAS PRÁTICAS

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>02</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>03</b>
<b>BOAS PRÁTICAS</b>	
01 - ARCA .....	<b>06</b>
02 - ASDEREN .....	<b>14</b>
03 - CÁRITAS/POÇÃO .....	<b>22</b>
04 - COOAFAP .....	<b>28</b>
05 - COOPAPI .....	<b>34</b>
06 - COOPERCUC .....	<b>40</b>
07 - COOPERTIGRE .....	<b>47</b>
08 - COOPROAF .....	<b>54</b>
09 - COSENA .....	<b>60</b>
10 - FEIRA DO PARQUE .....	<b>67</b>
11 - CASA FORTE .....	<b>73</b>
12 - FAST .....	<b>78</b>
13 - MOACI LUCENA .....	<b>84</b>
14 - SOMBRAS GRANDES E MILAGRES .....	<b>90</b>
15 - ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO .....	<b>96</b>
16 - JOVENS ADS .....	<b>102</b>
17 - SISTEMA BIOÁGUA .....	<b>108</b>
18 - REDE GAVIÃO .....	<b>114</b>
19 - COMRÁDIO BRASIL .....	<b>120</b>



# APRESENTAÇÃO

As boas práticas de convivência com o Semiárido são experiência exemplares, iniciativas inovadoras e lições ou aprendizagens que podem ser disseminadas e reaplicadas em outros contextos, que compartilham condições ou necessidades similares. Desenvolvidas por agricultores familiares, artesãos e artesãs do Nordeste brasileiro, geram impactos positivos na melhoria das condições de vida das comunidades e territórios onde foram implementadas.

Apresentaremos, a seguir, Boas Práticas relevantes e identificadas pela Procasur no âmbito dos Projetos apoiados pelo FIDA e de outras organizações parceiras em diversos territórios do Semiárido brasileiro,

envolvendo experiências exitosas dos estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Esse trabalho foi realizado a partir do universo de saberes e experiências dos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil. É fruto das ações de gestão do conhecimento promovidas pela Procasur no âmbito do Programa Semear (IICA/FIDA/AECID).

Agradecemos a todas as famílias de agricultores e artesãos do Semiárido bem como as organizações e instituições de desenvolvimento rural que contribuíram para a realização do Inventário.



**Procasur**

A Corporación Procasur é uma organização especializada no desenvolvimento e disseminação de ferramentas, metodologias e processos de gestão efetiva do conhecimento.

Atua desde o 1996 e facilitou oportunidades de aprendizagem em mais de 35 países da América Latina, África e Ásia, fomentando processos de cooperação Sul-Sul, tendo os Talentos Locais como eixos fundamentais para a geração e a disseminação do conhecimento.

SAIBA MAIS: [www.procasur.org](http://www.procasur.org)



**Semear**  
Conhecimento em zonas semiáridas  
do nordeste do Brasil

O Semear é um programa de Gestão do Conhecimento em zonas semiáridas do Nordeste do Brasil que visa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população rural e para o desenvolvimento sustentável e equitativo da região.

SAIBA MAIS: [www.portalsemear.org.br](http://www.portalsemear.org.br)



# INTRODUÇÃO

---

Uma comunidade carrega consigo conhecimentos e vivências de valor inestimável. São experiências e saberes particulares que, ao serem compartilhados e somados a outros saberes diversos, contribuem para aprimorar o trabalho e a qualidade de vida das pessoas, além de apontar para a construção coletiva de novas oportunidades.

O Semiárido do Nordeste brasileiro costumava ser descrito como um lugar inóspito, desprovido de qualidades. Felizmente, tal descrição, pobre conceitualmente e inverídica, ficou no passado.

Um bom exemplo de como essa afirmação não se encaixa mais na realidade do Semiárido são as Boas Práticas apresentadas aqui, resultado de um processo de Gestão do Conhecimento promovido pela Procasur, no âmbito do Programa Semear (FIDA/IICA/AECID) no contexto de atuação dos Projetos apoiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).





# DEFININDO AS BOAS PRÁTICAS

Não há uma definição única para descrever e determinar o que são as Boas Práticas. Ao contrário, esta é uma expressão com significado flexível em função das realidades, contextos, competências e capacidades específicas de cada território. Nesse sentido, compreendemos as Boas Práticas como sendo **experiências e iniciativas exitosas em qualquer área, que está atrelada à inovação ou que seja referência para um determinado grupo, comunidade ou território. São ações que geram impactos positivos na melhoria das condições de vida das pessoas. É uma experiência exemplar, que apresenta boas iniciativas, inovações e lições ou aprendizagens que podem ser disseminadas e reaplicadas em outros contextos e condições ou necessidades similares.**

As **Boas Práticas (BP)** foram identificadas através dos processos e ações de Gestão do Conhecimento, implementados pela Procasur no âmbito da parceria com Programa Semear, além de outras organizações parceiras, em diversos territórios do Semiárido brasileiro. Foram destacadas as experiências exitosas nos estados da Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe – territórios de atuação dos projetos FIDA.

Os projetos executados pela Procasur no âmbito do Programa Semear, tiveram como objetivo identificar, registrar e compartilhar experiências relevantes, conhecimentos e processos inovadores no intuito de favorecer o aprimoramento e a disseminação do saber-fazer, a partir de uma abordagem pedagógica de

construção participativa e coletiva dos saberes com os protagonistas do desenvolvimento no Semiárido.

O processo de Gestão do Conhecimento contou com uma série de ações e atividades de coleta, registro e compartilhamento de conhecimentos, práticos e empíricos, de agricultores e agricultoras, artesãos e artesãs. Ao incentivar processos de aprendizagem, sistematizar informações e práticas, este Projeto busca aumentar a escala das inovações locais, incentivar o desenvolvimento sustentável no campo e assim contribuir para a melhora na qualidade de vida das populações rurais.

As Boas Práticas em curso nos territórios, requerem reconhecimento e valorização em função de uma demanda real, efetiva de disseminação de conhecimento. Neste inventário, as Boas Práticas foram organizadas e categorizadas a partir dos eixos temáticos: **Cooperativismo; Educação Contextualizada; Juventude Rural; Uso da Água; Manejo Sustentável da Caatinga; Atividades Produtivas e Artesanato e Atividades Culturais.**

Registrar as Boas Práticas é um passo importante para que elas possam ser disseminadas e reaplicadas em outros contextos, territórios e estados. É também uma referência para outros agentes, com o intuito de aprofundar a valorização e multiplicação do saber local e a disseminação de inovações em todo o Semiárido.



# MAPA DAS BOAS PRÁTICAS SEMIÁRIDO NORDESTINO





**01**

# ARCA

Associação de Resistência das Rendeiras



## LOCALIZAÇÃO:

Comunidade rural de Cacimbinha  
Sertão do Cariri Ocidental, pertence a  
mesorregião da Borborema.  
São João do Tigre-PB



PB



## BOA PRÁTICA:

Perpetuação da arte, cultura e do  
ofício de fazer a Renda Renascença



**30** FAMÍLIAS  
ENVOLVIDAS





## RESULTADOS:

Organização das mulheres em Cooperativa, valorização e preservação da identidade da arte Renascença e inserção das jovens no ofício.



## DESTAQUE:

Em parceria com o Procase, construiu-se a sede da Associação.



## OUTROS MUNICÍPIOS DE CONCENTRAÇÃO DA RENDA RENASCENÇA:

Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Prata, Congo, Sumé e Zabelê.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Governo do Estado da Paraíba, através do Procase, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/Paraíba), Banco do Nordeste, Prefeitura Municipal, Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Cunhã Coletivo Feminista, Centro da Mulher 8 de Março, Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF Mulher), Conselho das Associações e Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).





**Arca: Juventude local  
na organização e gestão  
do grupo de rendeiras**

**“ Quando a gente nasce, parece que já nasce com  
essa inteligência de fazer Renascença ”**





Com a ideia de perpetuar e preservar a tradição da Renda Renascença, um grupo de mulheres resolveu fundar em 1998 a Associação de Resistência das Rendeiras da Comunidade de Cacimbinhas (Arca), na comunidade de Cacimbinha, município de São João do Tigre, no Cariri paraibano. Foi nessa localidade que mulheres se organizaram em grupo para melhor desenvolver sua arte e ofício. Atualmente, a associação é formada em sua maioria por jovens artesãs, que também fazem parte da gestão da organização. O grupo já traz no nome da Associação o sentido da resistência e da luta das mulheres rendeiras em continuar com a arte e o ofício da Renascença.

A precursora da Renascença no município foi uma senhora chamada Maria dos Anjos Jatobá. Ela



Aprendi fazer Renascença aos 7 anos de idade. A renda é a cultura da gente. Temos muitos atravessadores aqui, em São João do Tigre. O sonho da gente é que nosso trabalho seja reconhecido como deveria. Gostaria um dia que nossas peças tivessem um preço justo e que também tivéssemos um ponto fixo para comercializar nossos produtos. Hoje, a renda é um complemento pra gente por falta do valor que se paga, que não é justo. Temos muito trabalho e muito gasto pra vender nossas peças baratas.

**Anatália Aparecida Reinaldo,**  
19 anos. Presidenta da ARCA.



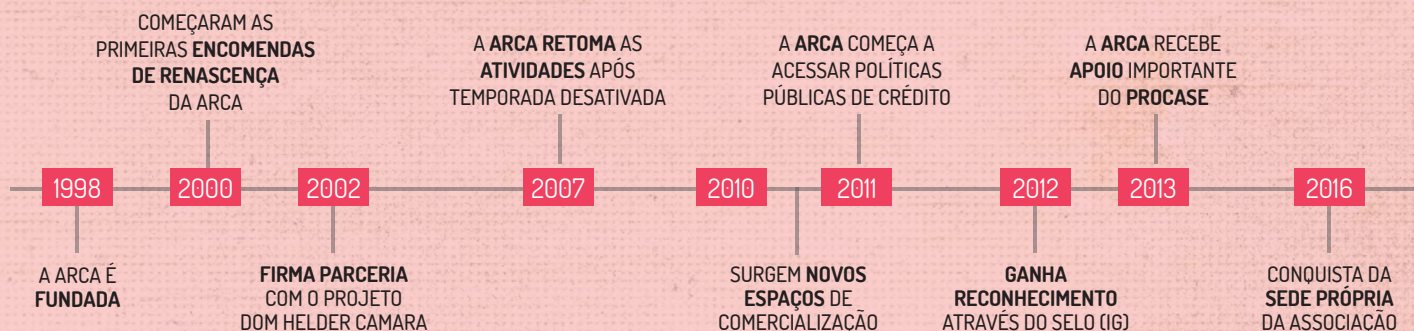
disseminou a arte da renda para as mulheres da localidade. Hoje, muitas delas dividem os afazeres da casa e da agricultura e de outras tarefas com o ofício da Renascença. Uma arte que dona Inácia Farias, de 72 anos, diz parecer já nascer com as mulheres da comunidade. “Quando a gente nasce, parece que já nasce com essa inteligência de fazer Renascença. Já ensinei a muitas mulheres”, relembra ela.

Trabalhar em grupo foi uma ação desencadeada anteriormente, na década 80, quando algumas mulheres participavam da Associação dos Artesãos do Nordeste (Associarte). Com sede em Olinda, Pernambuco, a Associação apoiava grupos de produção que trabalhavam com arte em alguns estados do Nordeste, contribuindo com a venda das peças.

A Arca nasceu da necessidade de deixar de vender as peças de renda para atravessadores que as compravam por preços baixos e as revendiam fora por preços elevados. A primeira presidenta da Arca foi Dona Dorinha. E, as primeiras encomendas de Renascença da Arca começaram em 2000.

As rendeiras também passaram por capacitações pelo Sebrae da Paraíba, para aperfeiçoar e qualificar sua arte. Ao longo do tempo, outras organizações começaram a realizar trabalhos na comunidade e a contribuir com a organização das mulheres da Arca. Dentre elas estão Cunhã Coletivo Feminista e o Centro da Mulher 8 de Março, que iniciaram o acompanhamento a partir de 2002, numa parceria com o Projeto Dom Helder Camara (PDHC).

As dificuldades fizeram com que a Arca passasse uma temporada desativada, retomando em 2007, quando assume a presidência da Associação, Maria Aparecida Aureliano, mais conhecida como Neném, uma jovem à época com muita vontade de fazer algo pelo grupo. Da mobilização das mulheres nasceu o banco de matéria-prima para produção de Renascença. O banco era uma espécie de “fundo rotativo”, em que as artesãs poderiam ter acesso aos materiais para produção, mas depois precisavam repor com pagamento ou com os mesmos produtos. A iniciativa para a compra dos primeiros materiais recebeu o apoio do PDHC e da Associação Menonita de Assistência Social (AMAS).





Graças ao empenho e esforço de um grupo de jovens à frente da Associação, o grupo vem alcançando voos altos. O grupo começou a ter acesso a outras conquistas, como cursos, ampliação de mercados e participação em feiras e exposições no Estado e em outras regiões do país. Desde então, a juventude local vem fazendo parte da gestão da associação, assumindo muitas vezes a função de presidente.



## RESULTADOS



Novos espaços de comercialização começaram a surgir a partir de 2010, levando as peças de Renascença para exposições e feiras fora do município, como o Salão de Artesanato da Paraíba, realizados nas cidades de Campina Grande e João Pessoa. “Muitas coisas que conseguimos, enquanto jovem foi com o trabalho da Renascença. Ela é muito forte na vida da gente. Já participei de diversos eventos e cursos, e conheci muitos lugares com o nosso trabalho”, fala orgulhosa Anátalia Reinaldo, atual presidenta da Arca.

A partir de 2011, o grupo Arca começou a acessar políticas públicas de crédito. As rendeiras destacam, nesse mesmo momento, o acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF Mulher). Uma linha de crédito voltada para investimento nas atividades agropecuárias, turismo rural, artesanato e outras atividades de interesse da mulher agricultora.

Ainda em 2011, a Arca acessa o programa Empreender Paraíba, uma política pública de microcrédito para atender empreendedores locais, residentes no estado da Paraíba. Já em 2012, a Associação participa do programa Empreender Mulher. Uma linha de crédito às mulheres com condições diferenciadas para acessar e voltada para investimentos de grupos produtivos. Nesse mesmo ano, a Associação recebe o apoio da União Europeia, através da organização Cunhã. Nesse mesmo período, o grupo chega a 40 sócias.

Um grande reconhecimento aconteceu em 2012, quando a Arca recebeu o Selo de Indicação Geográfica



(IG) pelo Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades Vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano (Conarenda). O selo é uma garantia para o consumidor, pois comprova que o produto é genuíno e possui qualidades particulares, ligadas à sua origem, como é o caso da Renascença. Nos mercados nacionais e internacionais, muitos produtos são caracterizados não apenas pela marca que ostentam, mas também pela indicação da sua verdadeira origem geográfica. Essa indicação lhes atribui certa reputação, valor intrínseco e identidade própria que os distinguem dos demais produtos de igual natureza disponíveis no mercado.

O ano de 2013 foi significativo para a Associação com a chegada do apoio do Procase. O grupo acessa o edital, envia o projeto e é contemplado com investimentos de, aproximadamente, R\$ 140 mil para construção da sede da Associação, e compra de máquinas de costura e

material para produção. Ao todo, estão sendo beneficiadas 25 famílias de rendeiras. O montante faz parte de um convênio do Governo do Estado com o Fundo Internacional de Desenvolvimento para a Agricultura (FIDA).

No entanto, o grande resultado foi o empoderamento das rendeiras a partir da organização e do trabalho em grupo. Atingiram um capital simbólico de desenvolvimento e conhecimento diferenciado em relação às rendeiras que estão fora dos grupos e trabalham isoladas, sem participar desses espaços. Essa mudança se deve a representatividade e o lugar social que a Arca simboliza na vida dessas rendeiras.

Em 2016, a Arca realiza um grande sonho: ter sua sede própria. Graças a parceria com o Procase, as rendeiras ganharam um espaço para comercialização, reuniões e formações dentro da própria comunidade.





## DESAFIOS

As rendeiras da Arca queixam-se da falta de espaços e oportunidades para comercializarem suas peças e da desvalorização do trabalho da Renascença dentro do próprio município, por atravessadores, pelo poder público e pelos familiares. Precisam que seus trabalhos sejam divulgados para além do município. Outro obstáculo para o trabalho e comercialização da Renascença é a concorrência desleal das atravessadoras. Estes adquirem peças produzidas pelas mulheres do município por preços baixos e revendem a valores superiores, deixando uma margem de lucro muito pequena para as rendeiras.

Geralmente, essas atravessadoras estão ligadas a grandes grifes ou lojas do país. No entanto, diante de uma “facilidade” em comercializar para essas pessoas, a Associação resiste a tal comércio paralelo. Muitas vezes, as rendeiras só produzem por encomendas ou passam meses e meses para vender uma peça de Renascença. É um trabalho minucioso; é necessário muito tempo para produzir uma peça de Renascença. A Renascença é uma arte que agrega valor, pois quem compra sabe de todo o processo de produção. É preciso avançar e melhorar a gestão enquanto grupo. A Renda é vista e a rendeira não: elas seguem ocultas para o mercado.





**02**

# ASDEREN

Associação para o Desenvolvimento de Renda  
Irlandesa de Divina Pastora

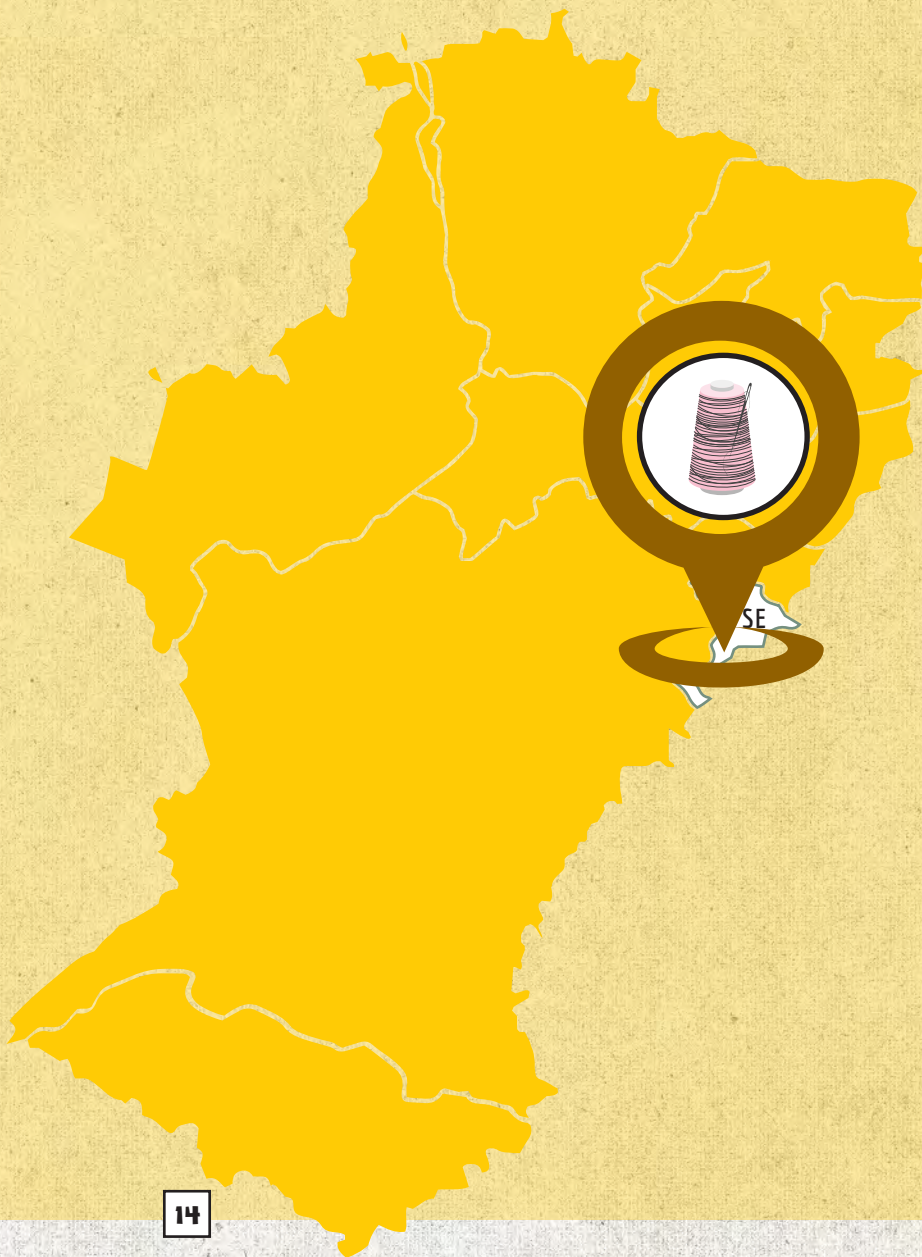


## LOCALIZAÇÃO:

Divina Pastora  
Região Metropolitana  
de Aracaju - Sergipe



**87**  
rendeiras  
ENVOLVIDAS







## BOA PRÁTICA:

Inovação nas peças, valorização da produção artesanal da Renda Irlandesa e acesso a mercados.



## CONQUISTA:

Patrimônio Cultural do Brasil (título concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), Prêmio Top 100 do Sebrae e Selo de Indicação Geográfica (IG).



## RESULTADOS:

Fortalecimento do laço social, da identidade cultural e da participação das mulheres rurais como produtoras e transmissoras do aprendizado da Renda Irlandesa.

## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Governo do Estado de Sergipe e Universidade Federal de Sergipe.





**Asderen: Mulheres que lutam  
para a perpetuação da  
Renda Irlandesa**

**Ofício que representa a identidade das  
rendeiras de Divina Pastora**





Elas formam um grupo de 87 rendeiras. Moram e trabalham no município de Divina Pastora, no estado de Sergipe. Juntar-se foi a forma encontrada para lutar pela perpetuação da cultura e do ofício de fazer a Renda Irlandesa, arte que representa a identidade cultural do povo desse pequeno município.

A Renda Irlandesa é parecida com a Renascença, a diferença é que a Irlandesa é mais encorpada. Desde cedo as meninas aprendem essa arte com as mulheres da família que convivem diariamente com esse ofício. Para preservar esses saberes e gerar renda com a

produção, as rendeiras de Divina Pastora fundaram, em 2000, a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (ASDEREN). A iniciativa contou com o apoio do Programa Artesanato Solidário, do Governo Federal.

A Associação já tem sede própria bem estruturada com salas de escritório, cantina e local para comercialização. A sede foi uma doação da prefeitura. É lá onde as rendeiras se reúnem para produzir as peças sob encomenda ou não. As encomendas recebidas são partilhadas entre as associadas. Elas também têm



procurado diversificar as peças para gerar oportunidades de negócios produzindo bolsas, colares, marcador de texto, entre outros. “A Renda Irlandesa é muito importante para mim. Criei meus filhos com o dinheiro que ganhava produzindo renda. Ensinei as minhas filhas esse ofício. Sou feliz trabalhando com isso”, afirma uma das rendeiras mais antiga de Divina Pastora, Eugênia dos santos.



Nossa trajetória até aqui não foi fácil. Foram momentos de luta e resistência. Mas, como muita força de vontade fomos buscar a organização e empoderamento de nós, mulheres. Com muita luta temos conseguido reconhecimento do poder público e das organizações e também espaços de comercialização.

**Jivanilde dos Santos,**  
professora e rendeira da Renda Irlandesa.



## RESULTADOS

O que faz a Renda Irlandesa ser a referência para Divina Pastora é a força de vontade e a resistências de muitas rendeiras que ainda insistem na perpetuação e preservação desse ofício. São elas que estão dentro das duas associações engajadas e lutando pelas melhores condições de oportunidades para o grupo.

Outra questão importante para o sucesso dessas experiências das rendeiras em Divina Pastora é a

parceira com o Governo do Estado e, fundamentalmente, a parceria com o IPHAN e o Sebrae. Esses agentes têm acompanhado os dois grupos no intuito de preservação do saber-fazer da Renda Irlandesa, do fortalecimento dos grupos e das oportunidades de mercados e comercialização das peças produzidas pelas rendeiras do município.

Em 2009, o “modo de fazer” da Renda Irlandesa foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN. EM 2012, a denominação Divina Pastora foi também reconhecida como Indicação Geográfica (IG) para renda agulha em lacê. Também em 2014, a Renda Irlandesa ficou em primeiro lugar no estado no Prêmio Sebrae TOP 100 Artesanato.

Ao mesmo, foi criada Salvaguarda com apoio do IPHAN, uma espécie de comitê que reúne rendeiras, parceiros e agentes locais, no intuito de incidir sobre a promoção e valorização da Renda Irlandesa. O espaço serve para discutir e apontar caminhos de soluções acerca da Renda.

Todos esses reconhecimentos foram importantes para a valorização da Renda Irlandesa. Ao mesmo tempo, angariou mais visibilidade para o ofício e mais mercados para escoar a produção.

ambém chama a atenção que esse saber-fazer está para além de Divina Pastora. De acordo com dinâmicas próprias à transmissão dos saberes associados ao fazer artesanal, a Renda Irlandesa se disseminou para outros municípios próximos, como Laranjeiras, Maruim, Nossa Senhor do Socorro, São Cristóvão, Riachuelo, Santa Rosa de Lima e Aracajú. Em algumas dessas





localidades, a Renda está presente já há algumas décadas com a ocorrência de núcleos estruturados de produção.

A forma de trabalhar no processo de produção é interessante, bem democrática e descentralizada, especificamente pela ASDEREN. As encomendas recebidas são partilhadas com as rendeiras do grupo. Quando são peças grandes e os prazos são curtos há distribuição da encomenda para outras rendeiras, depois uma só mulher junta e forma a peça maior.

Desde sua criação, a ASDEREN vem trabalhando de acordo com o sistema de repasse de costura entre as rendeiras. Como é natural, a Associação possui o maior estoque de debuxos, adquire a matéria-prima por custo mais baixo que as demais rendeiras que

trabalham isoladas, beneficia-se da participação em eventos subsidiados pelos parceiros, como Governo do Estado, Sebrae e IPHAN, e possui acesso privilegiado às fontes de encomendas.

Outra questão importante na Asderen é o processo organizacional na gestão administrativa-financeiro. Além de ter uma sede própria, a Associação tem um fundo adquirido com projetos, como um financiado pela Petrobras, que mantém os fluxos de despesas do dia a dia do grupo, pagamento de energia, pessoal, matéria-prima e outros, permitindo a organização das finanças, contratação de uma contadora e monitoramento por parte da direção atual.

Outra forma de ampliar as oportunidades de mercado, baratear a produção e atrair mais clientes, as rendeiras têm apostado na produção e confecção de peças menores. As rendeiras têm produzidos bastantes acessórios como colares, diademas, bolsas e marca-texto. Estes produtores menores, diversos e mais baratos acabam sendo bem comercializados.



Sabemos que não é fácil trabalhar em grupo. São muitas cabeças pensando diferente, mas com a união avançamos, vamos mais longe. Juntas, já conquistamos muitas coisas para a nossa Associação e vamos conseguir muito mais.

**Adriana Lima,**  
rendeira e ex-presidenta da ASDEREN.



## DESAFIOS

As mulheres de Divina Pastora têm o desafio de perpetuar a Renda Irlandesa como arte e trabalho. Mas elas enfrentam diversas dificuldades para cumprir essa tarefa. Dentre elas, a desvalorização do trabalho, a falta de mercado e o difícil acesso à matéria-prima, em especial o lacê, material fundamental para fazer esse tipo de renda. O lacê é produção tipicamente brasileira e só se fabrica no Rio de Janeiro. Nos últimos anos a fábrica que faz o lacê passou para nova gestão e a qualidade do produto tem piorado, colocando em risco o trabalho das rendeiras.

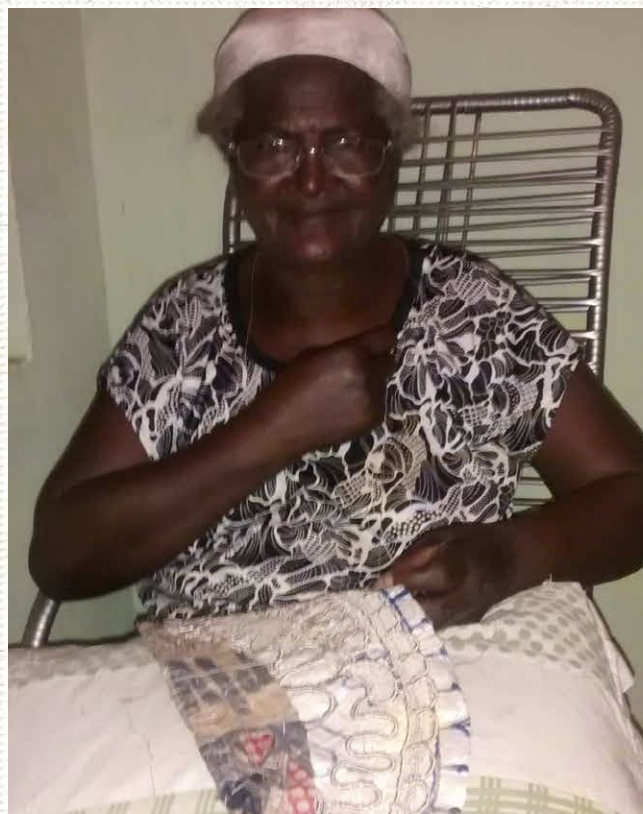
Outro fator de risco para a continuação da existência da Renda Irlandesa é o fato de só existir na localidade uma única riscadeira dos desenhos para fazer a Renda. Os riscos são os moldes para tecer a renda, que se chama debuxo. O Sebrae e o Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) têm procurado fazer algumas publicações dos debuxo/moldes.

O IPHAN, articulado com Sebrae, governo de Sergipe e Universidade Federal de Sergipe têm procurado intermediar negociações para resolver o problema da produção de lacê. Uma das ideias é trazer a fábrica para Sergipe, mas isso tem ficado apenas no plano das ideias. Entretanto, a articulação com esses parceiros tem trazido outras oportunidades como acesso a formação e oportunidades de mercados, assim como a preservação do saber-fazer.

Outra dificuldade encontrada é o acesso a crédito para compra de matéria prima e para outras atividades

estruturantes. Os atravessadores ligados a grifes também são um problema já que compram a Renda por preços baixíssimos e vendem por outros exorbitantes. Falta de engajamento e participação mais efetiva de parte das rendeiras associadas também contribuem para avançar nos processos da ASDEREN.

O sonho é manter a luta para a perpetuação da Renda irlandesa como ofício, tradição, arte e elemento cultural da identidade delas como mulheres rendeiras divinas. “A Renda Irlandesa representa muita coisa na minha vida. É o meu sustento, minha ocupação, minha vida. Com o dinheiro que ganhei com a Renda criei meus filhos. Ensinei como fazer para minha filha para não deixar essa tradição acabar”, ressalta a associada da ASDEREN, Marcelina Santos.







## SOBRE A ORIGEM

As poucas publicações sobre a Renda em Divina Pastora registram que esse ofício na região remonta aos conventos da Irlanda no século XIX. Chegou à região pelas mãos de Ana Rolemberg, que havia aprendido a técnica com Violeta Sayão Dantas. Júlia Franco, que aprendeu com Ana, transmitiu esse saber para as três irmãs: Marocas, Ercília e Sinhã.

Essas três irmãs foram responsáveis pela transmissão do conhecimento do saber-fazer entre as mulheres de Divina Pastora. Muitas das quais migradas dos engenhos tendo em vista o declínio da atividade na economia açucareira. Aprender a fazer Renda passou a se colocar cedo como possibilidade na vida dessas mulheres para escapar das pesadas atividades da roça, ou para custear os seus estudos.

A chegada desses materiais industrializados no município, fez com que os bilros fossem abandonados, embora se preservasse a almofada como apoio da peça em produção. A substituição da renda de bilro pelos materiais industrializados diminuiu o trabalho das rendeiras.

As rendeiras passaram a experimentar outros materiais e diversificar as peças. As que queriam uma renda mais fina

usavam a fitinha de algodão ou mesmo rendinha francesa, ambas compradas nos armarinhos ou lojas de Aracaju. Por isso, em alguns estados do Nordeste, essa renda mais leve e delicada é chamada de Renascença.

Como é um tipo de renda de agulha, a Renda Irlandesa apresenta semelhança de pontos com a Renda Renascença. Entretanto, a diferença é o uso do cordão lacê, que forma um rendado em relevo resultando numa renda mais encorpada.

Assim como na Renda Renascença, a Renda Irlandesa apresenta uma variedade de pontos que são nomeados de acordo com o universo cultural e social das rendeiras. Recebem nomes de animais e vegetais, como por exemplo, pé-de-galinha, espinha-de-peixe, aranha, casinha-de-abelha e abacaxi.

Aos poucos, a denominação Irlandesa para nomear a renda produzida em Divina Pastora, foi sendo consagrada, diferenciando-se da Renda Renascença produzida, sobretudo nos estados da Paraíba e Pernambuco, tendo como base o lacê em fita.



03

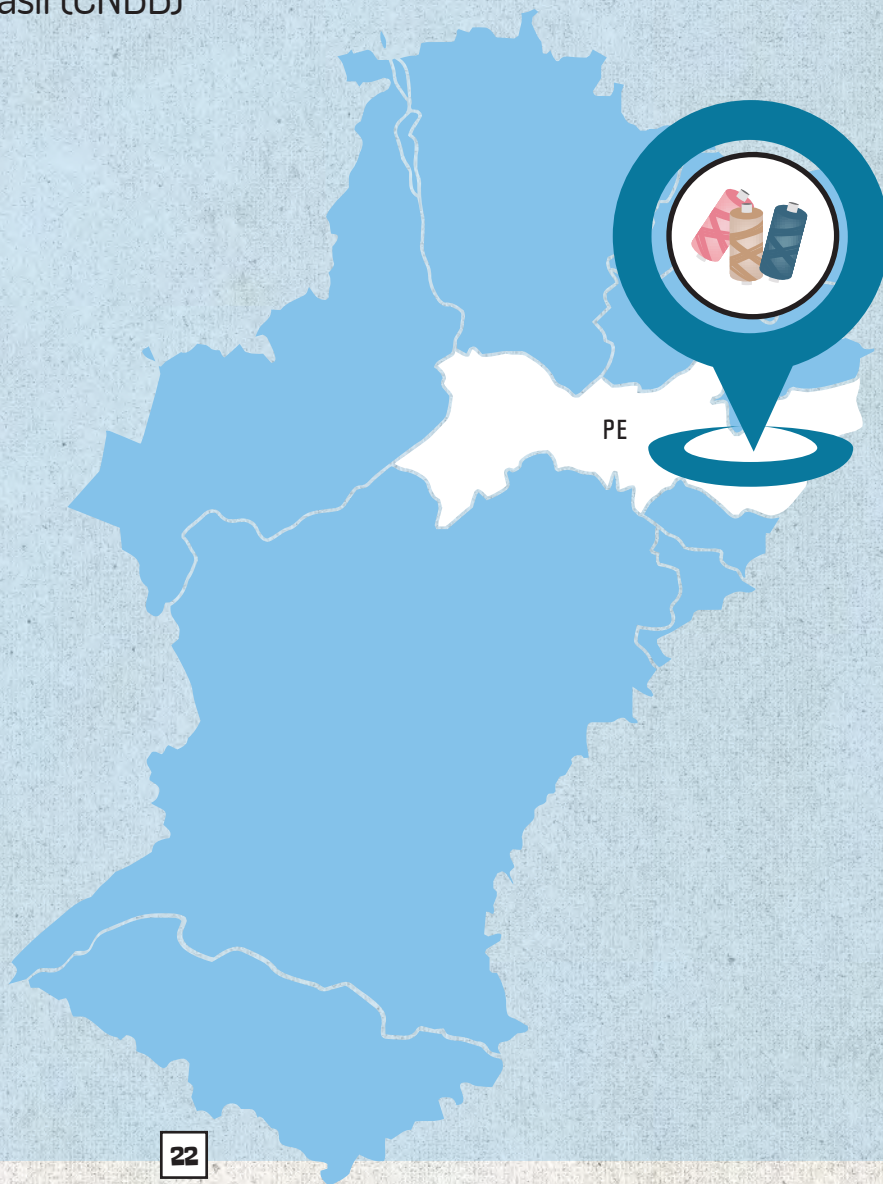
# ASSOCIAÇÃO CÁRITAS PAROQUIAL POÇÃO

Cáritas de Poção criada a partir da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)



## LOCALIZAÇÃO:

Poção  
Agreste Pernambucano







## BOA PRÁTICA:

Fundação da associação para organizar, perpetuar e comercializar os trabalhos das rendeiras.



## RESULTADOS:

Formação do Grupo Mulheres de Renda e conquista de espaços de comercialização consolidados.



**20** ARTESÃS  
CADASTRADAS

FOI FUNDADA COM

**50** SÓCIAS.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Cáritas Diocesana de Pesqueira, Programa Semear (IICA/FIDA/AECID) e Prefeitura Municipal.





# Mulheres de Renda: artesãs unidas na perpetuação da Renascença

Grupo originou-se com a ideia de preservar e perpetuar o ofício da Renda Renascença na região





No Agreste pernambucano, mais precisamente nas cidades de Pesqueira e Poção, é difícil achar uma casa onde ninguém saiba fazer renda. As meninas, desde muito cedo, não tiram os olhos das mãos habilidosas de suas mães, tias ou avós. Ninguém para pra ensinar. A aula é silenciosa. Os olhos são os grandes responsáveis pelo aprendizado e pela delicadeza do trabalho.

Fundada em 2008, com 50 sócios, da Associação Cáritas Paroquial Cruzeiro de Poção surgiu o Grupo de Mulheres de Renda no município de Poção, no Agreste de Pernambuco. O coletivo de artesãs originou-se com a ideia de preservar e perpetuar o ofício da Renda Renascença na região.

O Grupo Mulheres de Renda expõe sua produção em diversas feiras, dentre elas a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Fenearte), que acontece em Olinda-PE. Seus produtos também são comercializados no Centro de Artesanato do Recife, onde estão reunidos os diversos tipos de artesanatos produzidos no Estado. Todos os anos, as mulheres também levam suas produções para a Exposição de Animais da capital pernambucana. São esses tipos de espaços que potencializam a comercialização das rendeiras de Poção.

De forma mais permanente, o Grupo Mulheres de Renda mantém uma loja no centro da cidade. Para otimizar as vendas, já conseguiram uma maquineta de cartão de crédito. Para manter o espaço aberto, as rendeiras se revezam no atendimento da loja.



As rendeiras de Poção cultivam um grande sonho: construir a própria sede da Associação. O terreno já foi adquirido em 2013, com recursos próprios, agora as rendeiras batalham para erguer prédio.



Precisamos valorizar cada vez mais o ofício da Renda Renascença. É preciso incentivar as nossas jovens do município a perpetuarem essa arte secular para o Nordeste e para Poção. A Renascença pode ser uma fonte de renda e inclusão da juventude para que ela não saia do municipal.

**Socorro Germino,**

presidenta da Associação Cáritas Paroquial  
Cruzeiro de Poção / Grupo Mulheres de Renda.

A construção da sede própria tem como objetivo fundar uma escola de ofício para ensinar adolescentes e jovens a arte e ofício da Renda Renascença. A intenção é perpetuar essa arte entre as próximas gerações do município. “Precisamos valorizar cada vez mais o ofício da Renda Renascença. É preciso incentivar as nossas jovens do município a perpetuarem essa arte secular para o Nordeste e para Poção. A Renascença pode ser uma fonte de renda e inclusão da juventude”, acredita a rendeira Socorro Germino, presidenta da Associação.

Em relação às estratégias de formação e trocas de conhecimentos, entre 2013 e 2015, as rendeiras participaram de intercâmbio na Paraíba para conhecer o trabalho de outras associações de rendeiras.

Também se empoderaram em relação ao Fundo Rotativo Solidário e compartilharam experiências com grupos de Sergipe e Paraíba no âmbito dos processos implementados pela Procasur, em parceria com o Programa Semear.

O trabalho e a formação das mulheres do Grupo Mulheres de Renda possibilitaram a participação das renderias no Conselho de Desenvolvimento Rural de Poção. Contribuiu também para fazer sua primeira experiência em gestão de projetos, ao serem contempladas com o edital do Programa Semear, em 2015.

O Grupo Mulheres de Renda conta com o incentivo da Paróquia do município. Nessa caminhada, também contaram com o apoio do Sebrae, do Prorural, Programa Semear e Procasur. Elas consideram já ter muitas conquistas e oportunidades na sua curta caminhada. “Fruto das parcerias, foram abertas muitas portas, trouxeram novos espaços de comercialização e de saberes para todas”, reconhece Socorro Germino.





# TRAJETÓRIA

2008

Fundação da Associação com 50 sócios.

2009

O grupo participa de uma feira durante um evento em homenagem a Luiz Gonzaga (O Rei do Baião), em Caruaru-PE, com o apoio do Sebrae.

2011

A Associação participa da Feira de Economia Popular Solidária de Lajedo - PE e do Nordeste pela Cáritas Regional NE II.

2013

Pela primeira vez, participa da Exposição de Animais no Recife-PE (Uma das maiores do gênero no Nordeste) e do Circuito do Frio em Garanhuns-PE;

Compra o terreno para a construção da sede da Associação;

O grupo adquire uma “maquineta” de cartão de crédito para vendas/comercialização das peças.

2014

Realização do intercâmbio. As readeiras da Paraíba foram conhecer a experiência dos grupos de Renda Irlandesa na cidade de Divina Pastora-SE com o apoio do Programa Semear e Procasur;

Participação da Feira de Conhecimentos na cidade de Monteiro -PB com o apoio do Programa Semear e Procasur.

2015/16

Participação da oficina de compartilhamento de experiências na cidade de Pesqueira -PE com readeiras da Paraíba e Sergipe com o apoio do Programa Semear e Procasur;

Primeira experiência da Associação na gestão administrativo-financeira com edital do Programa Semear (02/2015) - Projeto Mulheres de Renda: Fortalecidas para a construção do Território da Renda Renascença;

Realização da Feira de Conhecimentos em Poção reunindo readeiras de Pernambuco e Paraíba.



04

**COOafap**

Cooperativa da Agricultura Familiar do Apodi



**LOCALIZAÇÃO:**

Território Sertão do Apodi - RN



**BOA PRÁTICA:**

Diversificação dos produtos e ampliação da oferta para o mercado; incremento de renda por meio do cooperativismo, principalmente em período prolongado de estiagem.



**MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO:**

Caraúbas, Severiano Melo, Rodolfo Fernandes e Umarizal







## PRODUÇÃO:



**100 mil**  
QUILOS/ANO DE MEL  
(9 MIL COLMÉIAS)

E BENEFICIAMENTO DA  
**CASTANHA DE CAJU**



## RESULTADOS:

Gestão coletiva com a inserção de mulheres e jovens, produtos orgânicos certificados com o avanço na produção agroecológica sustentável.



**300** FAMÍLIAS  
ENVOLVIDAS



**416** COOPERADOS



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Fundo Internacional para Desenvolvimento da Agricultura (FIDA), Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Banco do Nordeste (BNB), Banco do Brasil (BB) - via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e Fundação Banco do Brasil, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE).





# protagonismo das famílias agricultoras na produção e comercialização de produtos pela Cooafap

O cooperativismo é uma ferramenta eficaz para famílias agricultoras terem acesso ao comércio justo e a novas práticas de cultivo



A Cooperativa da Agricultura Familiar de Apodi (COOAFAP) foi fundada em janeiro de 2001, a partir do interesse de agricultores familiares do município de Apodi/RN em avançar nos processos de comercialização. Atualmente, conta com 416 cooperados e a sua área de atuação abrange todos os municípios do Território do Sertão do Apodi/RN.

A COOAFAP se especializou na diversificação de produtos como mel, castanha, queijo, ovos, carnes bovina e de bode, doces, arroz vermelho, entre outros. Os cooperados acreditam que a diversidade de produtos da agricultura familiar gera maior estabilidade às finanças dos agricultores, pois as secas prolongadas podem comprometer a segurança alimentar e econômica quando há uma quantidade reduzida de produtos.

## **VENDA DIRETA**

O incremento de renda por meio do cooperativismo é visto pelos cooperados como diferencial na comercialização de seus produtos. As cooperativas atuam no mercado representando os agricultores, deixando de lado a presença de atravessadores, e conseguem atingir com suas marcas as diferentes possibilidades de mercado. Além disso, também podem constituir estoques de produtos para comercialização ao longo do ano.

A comercialização dos produtos da agricultura familiar através da COOAFAP incentiva a participação dos filhos dos cooperados na gestão das cooperativas, e proporciona maior interação dos jovens rurais com a cooperativa.



Cada vez mais os produtos da COOAFAP tem chegado em diversos mercados. Esperamos que no futuro possamos crescer, nos consolidar nos mercados como um empreendimento da agricultura familiar, e desenvolver a Cooperativa para alcançar mais mercados. Sonhamos um dia que os produtos da agricultura familiar sejam vistos nacionalmente como artigos de boa qualidade.

**Cláudio Sobrinho,**  
faz parte da direção da COOAFAP.

## **COMÉRCIO JUSTO**

A política de preços adotada pelas Cooperativas motiva a para permanência e entrada de novos cooperados. Na COOAFAP, o cooperado recebe 90% do valor do que é vendido pela cooperativa ao consumidor final. A margem que fica nas Cooperativas é para pagar o trabalho de gestão e para a constituição do capital de giro, que possibilita o pagamento dos fornecedores no ato da entrega dos produtos.

A continuidade de existência do capital de giro nas Cooperativas depende das operações de vendas dos seus produtos. Além disso, na região semiárida há secas prolongadas que normalmente levam a redução da produção de mel, castanha, queijo, entre outros produtos. Ainda falta maior incentivo e financiamento público para a constituição de capital de giro das Cooperativas na região semiárida.



## AGROECOLOGIA

A COOAFAP utiliza a agroecologia como matriz orientadora da sua intervenção. A agroecologia adota práticas agrícolas que conservam o solo e a água, mantém e eleva a presença de matéria orgânica no solo, preserva a fauna e as nascentes, matéria-prima por relações justas e solidárias de trabalho e não utiliza qualquer tipo de agrotóxico.

No clima do Semiárido é difícil a manutenção da matéria orgânica do solo, devido principalmente às elevadas taxas de evapotranspiração e temperatura. O acúmulo de matéria orgânica está diretamente associado à capacidade de resiliência dos sistemas produtivos. Por isso, é fundamental que as práticas agrícolas possam manter a cobertura do solo, que protege a terra da erosão, influencia uma menor oscilação na temperatura, aumenta a capacidade de retenção de água e estimula a atividade da vida microbiana no solo.



A preservação da Caatinga e a não utilização de agrotóxicos no sistema de produção agrícola, são dois fatores que impactam muito na produção de mel. Os apiários estão localizados em áreas de Caatinga com a presença de plantas herbáceas e arbustivas.

**ANOS 2000:**

**CENÁRIO FAVORÁVEL  
ÀS COOPERATIVAS**

No Sertão do Apodi, a apicultura e a cajucultura foram as principais atividades agrícolas que motivaram a formação das Cooperativas. Estas eram constituídas de forma pouco organizada, com ausência de apoio técnico e sem atender as exigências de mercado. A produção se resumia à oferta de mel e castanha para os atravessadores, que compravam com valores muito baixos e revendiam a matéria-prima para unidades de beneficiamento em municípios fora do território e até de outros estados, como o Piauí. Além disso, os agricultores não beneficiavam seus produtos, nem tinham autorização municipal, estadual ou federal para comercialização.



## NOVO MILÊNIO



A partir de 2000, com o incentivo de programas governamentais, por meio de programas de crédito do Banco do Nordeste (BNB) e Banco do Brasil (BB) – via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) – e dos programas de compra institucional do Governo Federal, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), uma nova dinâmica passa a impulsionar as unidades produtivas, estimulando o surgimento de várias unidades de beneficiamento da castanha e do mel.

A formação das Cooperativas no Sertão do Apodi se dá nesse contexto, ajudando a consolidar a apicultura e a cajucultura como atividades viáveis economicamente para o meio rural no Semiárido potiguar.



“

Em 2008, as escolas municipais e estaduais tinham que adquirir, pelo menos, **30%** da merenda de agricultores familiares locais. O mel em sachê, a polpa de fruta, a galinha, as carnes bovina e de bode, as hortaliças, frutas e outros produtos da agricultura familiar passaram a fazer parte da dieta diária nas escolas municipais e estaduais.

”



CLIQUE E  
ASSISTA O VÍDEO





05

## Coopapi

Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável



### LOCALIZAÇÃO:

Território Sertão do Apodi - RN



### BOA PRÁTICA:

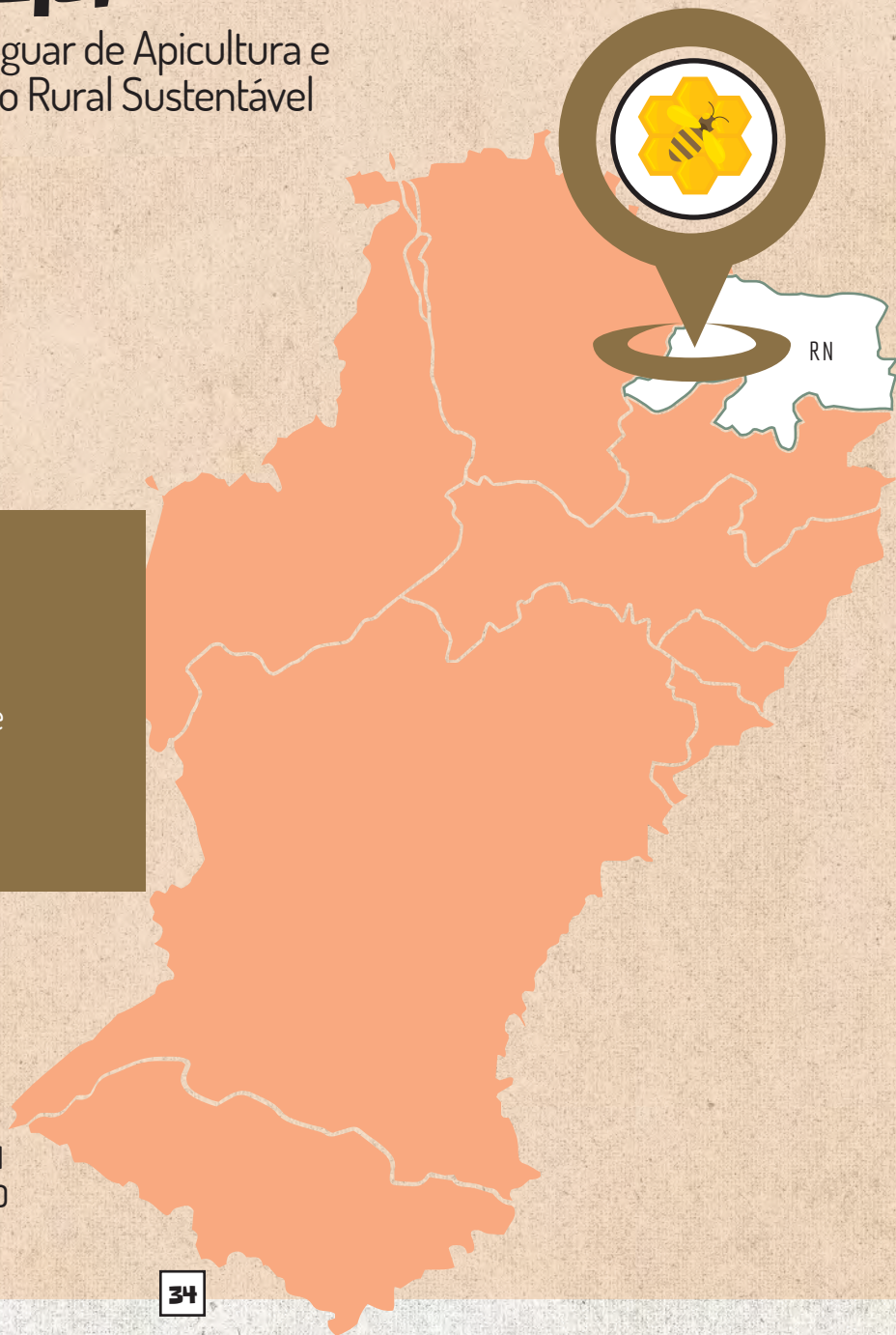
Diversificação da produção e estratégias de venda direta e acesso a mercados locais.



**279** COOPERADOS



**120** AGRICULTORES ENVOLVIDOS COM ALGODÃO AGROECOLÓGICO







## GANHOS PRINCIPAIS:

Participação ativa de jovens e mulheres na gestão da cooperativa, possibilitando o protagonismo e a autonomia, promovendo a elevação da autoestima dos cooperados e do sentimento de solidariedade entre eles.



## RESULTADOS:

Processo participativo, referência em produção agroecológica com certificação e criação da marca Terra Firme que conquistou mercados.



## ENTIDADES PARCEIRAS:

**22** ASSOCIAÇÕES E  
**01** CENTRAL DE COOPERATIVA.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Associação de Certificação Orgânica Participativa (ACOPASA) e Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade (OPAC).



# Diversidade de produção e ampliação de mercados como estratégia de fortalecimento da agricultura familiar - o caso da Coopapi

Práticas agroecológicas, diversificação da cadeia produtiva e a criação da marca Terra Firme agregam valor ao trabalho dos cooperados





Cooperativas costumam oferecer às famílias agricultoras mais segurança para comercializar seus produtos de maneira justa. Além disso, a participação democrática em espaços de decisão, como na gestão da Cooperativa, ajuda no fortalecimento social das famílias.

A convergência da produção de várias cadeias produtivas também confere à Cooperativa condições de negociar a venda diretamente com os mercados, criando autonomia frente aos atravessadores. Essa possibilidade estrutura e organiza as cadeias produtivas como a do mel, polpa de fruta, farinha, algodão, castanha, entre outras que existem no território do Sertão do Apodi, no Rio Grande do Norte, área de atuação da Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPAPI).

Quando os agricultores têm acesso aos mercados,

podem, enfim, vender seus produtos sem intermediários e receber um preço justo.

Neste modelo cooperativista, ganham cooperados e fornecedores que, além de terem o trabalho valorizado, vivenciam uma rica troca de conhecimento. Outra vantagem indiscutível é a participação ativa de jovens e mulheres na gestão da Cooperativa, um incentivo direto ao protagonismo e a autonomia.





Além de trabalhar com o mel e a castanha, a COOPAPI também trabalha com o artesanato a partir do algodão agroecológico. A diversidade de produtos comercializados pela Cooperativa é uma estratégia para a sustentabilidade, uma vez que ajuda equilibrar a receita quando um ou mais produtos estão com preços oscilando para baixo e confere maior estabilidade às unidades produtivas.

A diversificação dos produtos foi possível graças ao envolvimento da Cooperativa no processo de resgate da cultura do algodão em bases agroecológicas, uma iniciativa do Projeto Dom Hélder Camara (PDHC) / Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) / Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e da Embrapa Algodão.

A COOPAPI foi fundamental na criação da Associação de Certificação Orgânica Participativa (Acopasa), responsável por certificar que o produto obedece às especificações da Lei de Orgânicos 10.831/2003. Por se orientar em uma metodologia participativa para certificação, a Acopasa divide a responsabilidade com os agricultores para avaliar os seus sistemas de produção.

O selo de garantia da Acopasa, reconhecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), possibilita aos produtores acessar outras opções de negócios para produtos vegetais como algodão, gergelim, feijão, entre outros. A proposta é que entre 2015 a 2016 seu escopo possa ser ampliado para a comercialização da castanha e posteriormente do mel, a partir da adequação de seu estatuto para a

atender algumas exigências do MAPA. Com isso, a COOPAPI e Acopasa estarão em processo de parceria pela comercialização do mel e da castanha.



Tenho orgulho de ser sócia e colaboradora da COOPAPI Rosa, comecei a participar dos trabalhos na Cooperativa como voluntária na comunidade, com o Grupo de Mulheres Mãos Talentosas. Na COOPAPI, uma das inovações de maior destaque foi a mudança do processo de certificação da agricultura orgânica. Para o futuro, quero apoiar e contribuir ainda mais com a organização que faço parte e contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento da agricultura familiar.

**Rosa Mércia Torres de Queiroz,**  
agricultora, professora e integrante da COOPAPI.

## DESAFIOS

Além de avançar na organização da produção para além do mel e da castanha, um dos principais desafios da COOPAPI é a conquista da autorização da inspeção sanitária para a venda de seus produtos de origem animal e processados vegetais para os programas governamentais de aquisição de alimentos – o PAA e o PNAE, que a partir de 2011 passou a exigir das organizações sociais o Serviço de Inspeção Municipal (SIM).





Há uma pressão dos movimentos sociais no território do Sertão do Apodi para que os municípios constituam os departamentos de vigilância sanitária. Além disso, as exigências da legislação brasileira, concebida para atender a produtos processados por grandes empresas, torna esse processo oneroso para a realidade da agricultura familiar. Há uma discussão em nível nacional para adequar as exigências de infraestrutura da legislação sanitária à realidade da agricultura familiar.

Essa exigência impediu a venda pelas Cooperativas de seus principais produtos como o mel, castanha, carne, queijo, polpa de fruta, entre outros, reduzindo os produtos vendidos para os *in natura* de origem vegetal e os de origem animal sem processamento.

Essa exigência reduziu drasticamente a renda bruta anual das Cooperativas. O mel, por exemplo, passou a ter como mercado apenas empresas atravessadoras, que compram a matéria-prima para envasar e revender. Com isso, o preço de venda do mel, antes comercializado envasado para o PAA e PNAE, passou de R\$ 7,00/kg para R\$ 3,00/kg.

Além dessa questão, é importante ter em conta o impacto da seca prolongada na produção de alimentos vendidos pela Cooperativa.

Como forma de ampliar os espaços de comercialização e vencer os desafios que se apresentam no caminho, a COOPAPI também dispõe de lojas próprias para vender seus produtos, como mel, castanha, ovo, carne, queijo, arroz, artesanato, entre outros, diretamente aos consumidores. Além do espaço da sede própria, a cooperativa mantém uma Bodega no município de Apodi.

Outra iniciativa que fortaleceu a ação do grupo foi a criação da sua marca, **Terra Firme**, que diferencia os produtos fornecidos pela Cooperativa.



CLIQUE E  
ASSISTA O VÍDEO





**06**

# COOPERCUC

Cooperativa de Agropecuária Familiar  
de Canudos, Uauá e Curaçá



## LOCALIZAÇÃO:

Uauá - Sertão baiano



## BOA PRÁTICA:

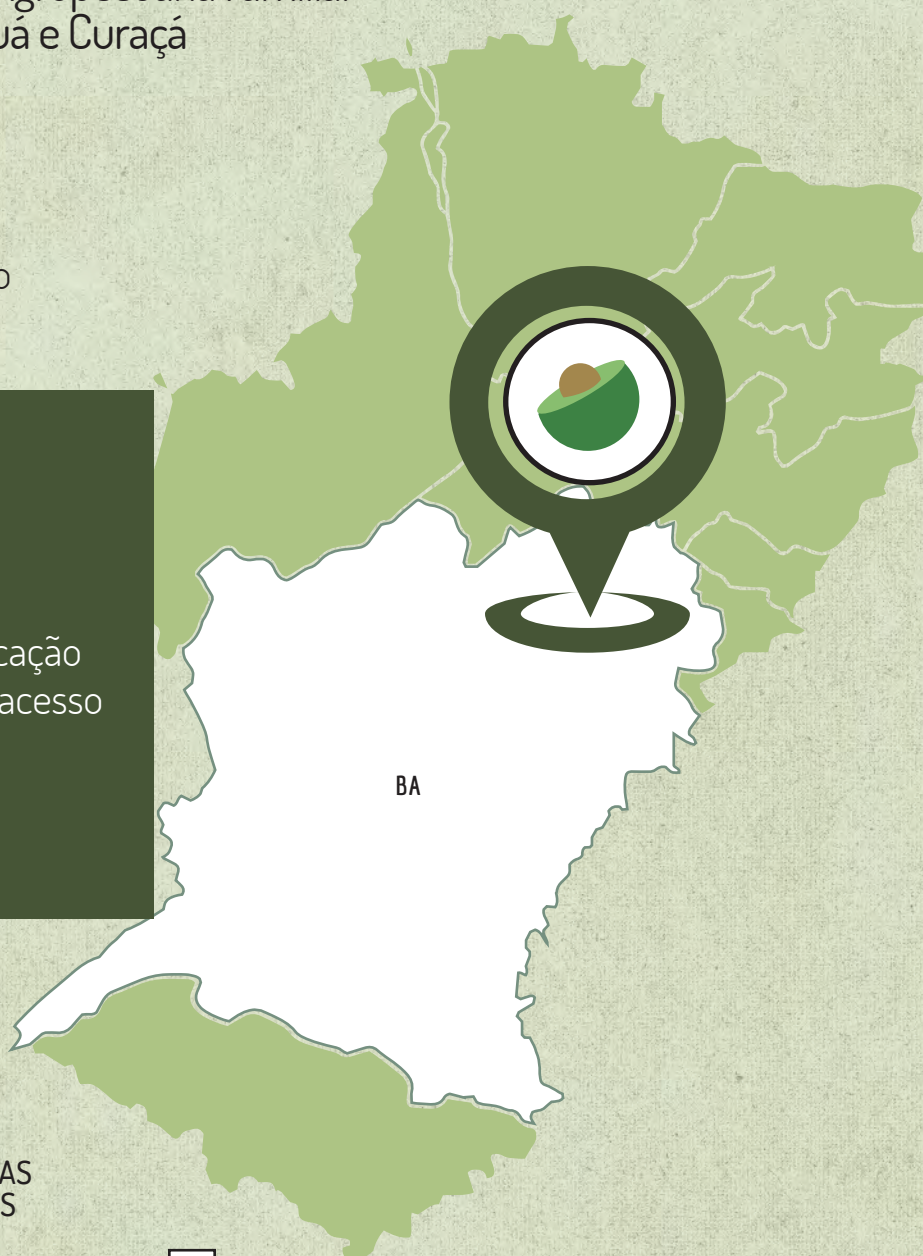
Valorização dos produtos da agricultura familiar, diversificação da produção, estratégias de acesso a mercados, autogestão e incremento da renda dos cooperados.



**300** FAMÍLIAS  
ENVOLVIDAS



**16** ENTIDADES PARCEIRAS  
ASSOCIAÇÕES RURAIS







## RESULTADOS:

Transformação dos frutos da Caatinga em produtos acabados para atender grandes mercados privados e institucionais.



## ATUAÇÃO:

Economia solidária, desenvolvimento socioeconômico, empoderamento das mulheres e formação de jovens lideranças.



## PRODUÇÃO

**16** MINI-FÁBRICAS  
para processar


**200** TONELADAS DE FRUTAS  
certificadas pela ECOCERT-Brasil e exportação de produtos para a França, Áustria, Itália e importantes mercados privados nacionais.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Entidade da Áustria (AGRANA), Agência de Desenvolvimento Humano e Ambiental (AGENDH), Empresa do Comércio Justo Francês (ALTERECO), Associações Comunitárias de Fundo de Pasto, Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Grupos de produção de Canudos, Uauá e Curaçá, Guardiões da Caatinga, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Prefeituras municipais de Canudos Uauá e Curaçá, Rede Sabor do Sertão (RSNS), Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Procasur, Programa Semear, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Projeto de desenvolvimento Rural Sustentável na Região Semiárida da Bahia/Pró-Semiárido e Slow Food.



A close-up photograph of two green passion fruits hanging from a dark brown vine. The fruits are round and have a textured, bumpy surface. Dried, papery husks of the flowers are attached to the top of each fruit. The vine is supported by a wooden stake, with some leaves and tendrils visible. The background is a blurred, sandy or earthy ground.

**Protagonismo da mulher,  
gestão participativa, inclusão  
da juventude e acesso a novos  
mercados: a exitosa trajetória  
da Coopercuc**

**Cooperativa modelo, a Coopercuc nasceu da iniciativa  
de um grupo de mulheres que se reunia para beneficiar  
frutas nativas da Caatinga**



A Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC), nasceu em 2004, da união de 44 mulheres que desejavam organizar sua produção e comercialização. Eram ativistas dos movimentos sociais, sindical e de partidos de esquerda. Na época, um grupo de jovens, de diversas comunidades de Uauá ficou à frente da cooperativa.

Mas a história da COOPERCUC começa mesmo em 1986, quando 20 mulheres se reuniam para preparar, de forma artesanal, produtos derivados do umbu. Posteriormente, criou-se o grupo Unidos do Sertão, que agregava cerca de 30 comunidades, envolvendo mais de 100 pessoas. A produção do grupo era levada para ser vendida nas feiras dos municípios. O município de Uauá recebeu a primeira barraca de venda dos produtos.



O trabalho dessas famílias recebeu um aporte financeiro significativo em 1999, com a aprovação do Programa de Convivência com o Semiárido (Procuc). O recurso possibilitou ampliar o número de pessoas e comunidades envolvidas no trabalho de beneficiamento e comercialização. O Programa



também tinha como foco promover a segurança alimentar das famílias envolvidas e contou com o apoio técnico do Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA).

Em 2003, o grupo recebeu outro aporte financeiro, desta vez, da CRS, organização ligada à Igreja Católica. O recurso foi utilizado na construção de uma unidade de beneficiamento de frutas que ficou pronta e começou a funcionar em janeiro do ano seguinte. Outras 13 pequenas unidades de processamento de frutas foram construídas nas comunidades, em 2005, desta vez com a ajuda da fundação Slow Food para a Biodiversidade. As novas unidades ajudaram a melhorar as condições de produção local e aumentar a produtividade dos grupos que estavam vinculados a COOPERCUC.

A melhora nas estruturas de produção, colaborou para aprimorar as condições de trabalho e a qualidade dos



produtos, assim como ampliou a oportunidades de mercado. Atualmente, a COOPERCUC vem investindo nos processos de autogestão cooperativista. O foco é a organização, o beneficiamento e a comercialização dos produtos da agricultura familiar.

## DIVERSIDADE LOCAL

A COOPERCUC trabalha, especialmente, com produtos oriundos do extrativismo das plantas nativas da Caatinga, como por exemplo, o umbu e o maracujá nativo. Doces, geleias, polpas, compotas, caldas para sorvete, vinagre, entre outros, são produtos que têm grande aceitação no mercado nacional e internacional. A produção respeita os eixos social, ambiental, cultural e econômico. Em 2006, a Cooperativa iniciou o processo de certificação orgânica. A certificação garantiu a venda para a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do Governo Federal. Essa iniciativa impulsionou a comercialização para o mercado externo.

A COOPERCUC, hoje, congrega 16 associações, 16 miniunidades de processamento de frutas. Uma parceria que leva a prática de políticas para o

**16** ASSOCIAÇÕES  
MINI-UNIDADES

 ENVOLVENDO  
cerca de **300** FAMÍLIAS  
QUE COMERCIALIZAM  
**200** TONELADAS  
DE FRUTAS

**EM 2009** AS FAMÍLIAS  
MELHORARAM  
SUA RENDA EM

  
**30%**

desenvolvimento local sustentável das comunidades e envolve cerca de 300 famílias. Essas famílias comercializam 200 toneladas de frutas processadas com certificação orgânica e são vendidas nos mercados nacional e internacional. Em 2009, 50% da produção – 100 toneladas –, foi para o Governo Federal, pelo PAA. Para o mercado internacional seguiu 25% e para o nacional 25%. O resultado disso é que as famílias melhoraram sua renda em 30%. A COOPERCUC destaca-se também pela prática da autogestão em



Olhando para a trajetória da COOPERCUC e ver tudo que já conquistamos é motivo de muito orgulho. Ampliamos nossos produtos, mercados e quadro social. Crescemos não só em números, mas também no reconhecimento pelos nossos cooperados, sociedade e instituições públicas e privadas. Sinto muito orgulho e feliz por fazer parte dessa história de luta e crescimento.

**Adilson Ribeiro**, diretor presidente da COOPERCUC.





que os cooperados participam da direção e das decisões da Cooperativa. Todas as questões são debatidas e decididas de forma democrática e participativa envolvendo o quadro social.



## JUVENTUDE RURAL PARTICIPATIVA

**“Acreditar e apostar no jovem rural não é só uma obrigação das Cooperativas, mas da sociedade. O campo está ficando velho”**

**Adilson Santos**, presidente da CooperCUC

Atualmente, um dos desafios da Cooperativa é estimular a juventude rural a se apropriar desse espaço organizativo, já que foi ela que iniciou a gestão da COOPERCUC. Os jovens, fruto do trabalho de base da Igreja Católica, na época, foram responsáveis pela organização e gestão da Cooperativa. Hoje, já adultos, desenvolvem estratégias para que a geração que chega agora possa assumir a causa também. A COOPERCUC abriu suas portas para que jovens de

diversas organizações, escolas e universidades venham conhecer o trabalho.

“A preocupação com a juventude rural é algo constante pra gente. Somos desafiados pela falta de recurso. Acreditar e apostar no jovem rural não é só uma obrigação das Cooperativas, mas da sociedade. O campo está ficando velho”, afirma Adilson Santos, presidente da COOPERCUC.

Uma estratégia adotada pela COOPERCUC foi apostar na formação e na inclusão da juventude, através dos estágios voltados para os jovens filhos de cooperados, ou vinculados à cooperativa.

Em 2014, a COOPERCUC implanta o Projeto Tecendo Elos, em parceria com o Programa Semear (IICA/FIDA/AECID). O projeto foi a primeira experiência da Cooperativa com ações voltadas à inclusão da juventude rural. A proposta foi a formação e o envolvimento dos jovens na COOPERCUC através da



Enquanto COOPERCUC temos muitos desafios. Dentre esses desafios está o de trazer a nossa juventude para dentro da Cooperativa. Dar oportunidade para os nossos jovens se envolverem no cooperativismo. Devemos incentivar e acreditar na contribuição da juventude para agricultura familiar, e principalmente na capacidade de contribuição dos jovens camponeses no cooperativismo.

**Jussara Dantas**,  
gerente de comercialização da COOPERCUC





realização do estágio na Cooperativa: e assim surgia a primeira turma de 10 estagiários.

Outra iniciativa importante envolvendo jovens rurais foi a transformação da COOPERCUC em Organização-Escola, sendo anfitriã do Estágio Jovens Talentos Inovadores, promovido pela Procasur, no âmbito do Programa Semear (IICA/FIDA/AECID). E assim, a COOPERCUC tornou-se Organização-Escola graças à sua trajetória, êxitos e conquistas, identificados ao longo da sua história como um espaço relevante para desempenhar a função de anfitrião e guia no processo de formação dos jovens rurais protagonistas do desenvolvimento rural.

A prioridade da Organização-Escola foi trabalhar na perspectiva da comercialização. Muitos dos jovens, entretanto, também atuaram no setor produtivo, de formação e administração. “O Estágio me trouxe grandes conhecimentos. A gente não fica só no escritório, mas vivencia todas as etapas, desde a produção até o processo de embalagem, além de também acompanhar as famílias em suas comunidades e entender como elas se organizam.

Espero que minha passagem na COOPERCUC possa dar frutos e ainda contribuir com a minha comunidade, declara Enock Gonçalves de Almeida, jovem cooperado.

“

As mulheres tem um papel importante na história da COOPERCUC, desde a sua fundação. Hoje, temos mulheres trabalhando desde a produção até a gestão. Isso é importante. Acreditar na força e no protagonismo das agricultoras. Sinto-me muito feliz e orgulhosa de contribuir e fazer parte dessa linda trajetória da COOPERCUC.

**Benedita Varjão,**

diretora de formação, educação e comercialização da COOPERCUC



CLIQUE E ASSISTA O VÍDEO





**07**

# COOPERTIGRE

Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João Tigre



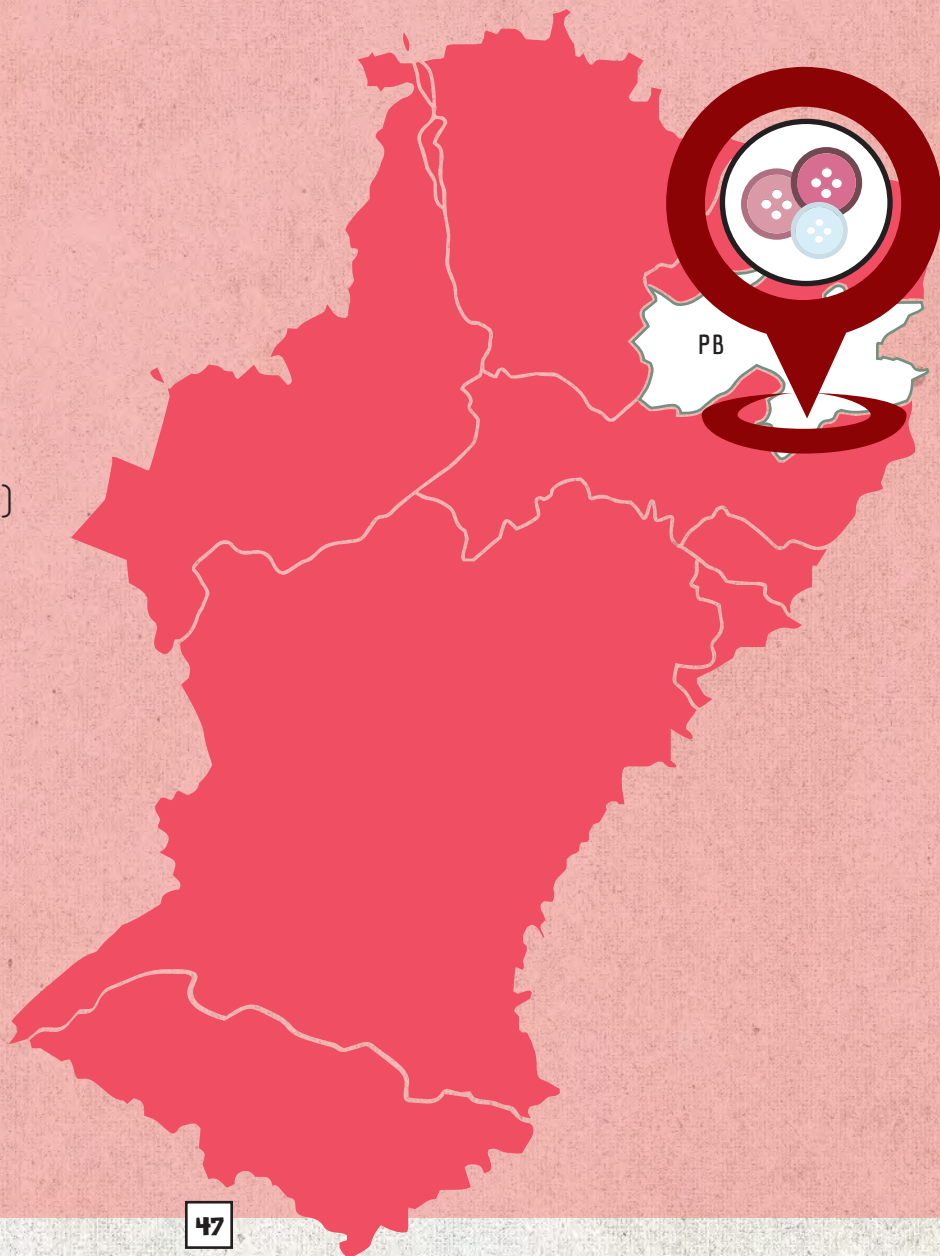
## LOCALIZAÇÃO:

São João do Tigre  
Cariri Ocidental  
(Mesorregião da Borborema)



## MULHERES ENVOLVIDAS:

 **23**  
rendeiras  
COOPERADAS







## BOA PRÁTICA:

Organização das rendeiras numa Cooperativa desenvolvendo estratégias de parcerias para capacitação e ampliação de mercados.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Organizações Cunhã Coletivo Feminista, Centro da Mulher 8 de Março, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/Paraíba), Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Governo do Estado da Paraíba através do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase), Conselho das Associações e Conselho das Associações Vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano (Conarenda).



## RESULTADOS:

Autonomia das mulheres organizadas em Cooperativa, empreendedorismo e resgate da tradição da Renda Renascença.





**COOPERTIGRE: Mulheres se organizam e mantêm viva a arte da Renascença**

**“ Aprendi a fazer Renascença com minha mãe. Ensinei esse ofício para as minhas filhas também. Adoro fazer Renascença ”**





Por muitos anos, a Renda foi a atividade econômica de destaque do município. A Renascença chegou a São João do Tigre por volta do ano de 1960 através da senhora Maria dos Anjos Jatobá. Ela aprendeu a Renda no município vizinho de Poçoão, estado de Pernambuco. Depois começou a ensinar esse ofício para outras mulheres da localidade

Com o intuito de organizar as artesãs da cidade e manter viva essa tradição, um grupo de mulheres fundou a Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João Tigre (COOPERTIGRE) em 2008. O coletivo está no município de São João do Tigre, no Cariri paraibano. A Cooperativa tem entre as finalidades fortalecer e melhorar a vida das rendeiras da região.

Logo no início não foi nada fácil fundar a COOPERTIGRE. Sem apoio e recursos, de porta em porta as pessoas iam mobilizando e convidando as rendeiras para participar do grupo. Começaram a receber doações e fazer bingos para cobrir as despesas com a documentação do registro e fundação da Cooperativa. Nesse mesmo período, a prefeitura doou um espaço por cinco anos para montar a sede do grupo, que já reunia 23 rendeiras cooperadas.

“Aprendi a fazer Renascença com minha mãe. Ensinei esse ofício para as minhas filhas também. Adoro fazer Renascença e espero ter sempre saúde na vista para nunca ter que parar. Estou desde o início da Cooperativa. É bom trabalhar em grupo”, diz a dona Joana Cândida, de 59 anos, mais conhecida como Jandira.





A Renascença é um trabalho que a gente faz por prazer. A partir da COOPERTIGRE fomos participando de diversos cursos de formação de aperfeiçoamento e profissionalização. Nosso trabalho precisa ser mais valorizado. Aos poucos, temos conseguido alguns espaços de comercialização. O sonho da gente é que o nosso trabalho seja valorizado como um trabalho, um ofício de verdade.

**Maria de Lourdes Souza**, Presidenta da COOPERTIGRE.

## RESULTADOS

Ao passar dos anos, a COOPERTIGRE foi se fortalecendo. Em 2011, com a colaboração do Sebrae, o grupo criou a primeira etiqueta para colocar nas peças de Renascença. No ano seguinte participou da Marcha das Margaridas, em Brasília, e da Feira Nacional de Negócios do Artesanato (Feneart), em Olinda, Pernambuco. As feiras têm sido um espaço interessante para venda e visibilidade do trabalho das rendeiras. “Depois da Cooperativa, a gente tem viajado para outros lugares expondo e divulgando nosso trabalho”, diz Maria do Socorro Lopes, de 63 anos.

Em 2013, com o apoio da organização 8 de Março, a Cooperativa acessou o programa do Governo do Estado, Empreender Mulher, para comprar materiais para produção da Renascença. Foi nesse mesmo ano, que o grupo criou a carteira da cooperada e também conquistou a carteira de artesão fornecida pelo Sebrae. A União Europeia também apoiou o grupo na realização de intercâmbios. Receberam ainda, o Selo de Indicação Geográfica (IG), do Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades Vinculadas à Renda Renascença do Cariri Paraibano

(Conarenda). “Mudou muita coisa depois que entrei na Cooperativa. É importante a gente trabalhar. É importante a gente trabalhar em grupo. A gente aprende uma com as outras”, explica dona Maria José Carvalho, 50 anos.

Em 2014, a COOPERTIGRE chega a 48 cooperadas. Esse também foi o ano que recebeu vários grupos de mulheres rendeiras de outras regiões. E, também participaram de diversos cursos de formação.





As rendeiras avaliam com muito favorável a amizade e união que foram construindo enquanto grupo de mulheres nesse coletivo. Além disso, a Renascença é uma fonte de renda para essas mulheres e suas famílias. A Cooperativa também foi e é um espaço para se ter acesso às linhas de crédito. As mulheres cooperadas estão sempre abertas a novos aprendizados, novas técnicas e a participarem de encontros e intercâmbios para trocar experiências com outros grupos, “Eu já sobrevivi exclusivamente da Renda. Hoje, é um complemento. A partir da COOPERTIGRE fomos participando de diversos cursos de formação e aperfeiçoamento e profissionalização”, diz dona Maria de Lourdes Souza de 61 anos.

## DESAFIOS

Um das dificuldades apresentadas pelas rendeiras da Cooperativa é a falta de interesse das filhas em quererem trabalhar com a Renda. Preocupam-se com o desestímulo dessa nova geração ameaçando a perpetuação da Renascença enquanto arte e ofício de um povo.

Apontam também a desvalorização e o não reconhecimento da Renascença. Esse fato é evidente com a presença constante de atravessadoras na região, o baixo valor nos preços das peças e dificuldade em comercializar os produtos em outros mercados, além do mercado local.

A falta de recursos e o valor alto nos preços da matéria-prima são fatores de dificuldade também

apresentadas pelas rendeiras. Há uma necessidade muito grande das cooperadas em implantar estratégias e instrumentos de comunicação para divulgar e propagar o trabalho com a Renascença, como a necessidade de uma logomarca, site, etiqueta, cartão de visita, folder e página no Facebook.

No entanto, o desafio que se coloca, hoje, é a perpetuação da arte e ofício da Renda Renascença, já que ela é uma arte oral. Ainda é muito raro uma publicação com essa temática. Toda a herança e patrimônio da Renascença está na memória das mulheres, desde os pontos aos desenhos. É necessário garantir a perpetuação e disseminação desse trabalho.



Aprendi a fazer Renascença com minha mãe. Ensinei esse ofício para as minhas filhas também. Sempre trabalhei com Renda e na roça. Adoro fazer Renascença, sinto uma coisa boa, pois conheço desde criança. Fico preocupada com o futuro da Renda. Um dia pode ser que se acabe. As jovens não se interessam, porque ganha pouco. Espero ter sempre saúde na vista para nunca precisar parar. Estou desde o início da Cooperativa. É bom trabalhar em grupo

**Joana Cândida,**

59 anos. Faz parte da COOPERTIGRE.  
Mais conhecida como Jandira.



## ORIGEM DA RENDA RENASCENÇA

A Renda Renascença é um trabalho exclusivamente artesanal. A peça surge a partir de um desenho riscado em papel manteiga, fixado em almofada e executada com agulha comum, utilizando linha e lacê (fita de algodão que une as tramas). Sua origem data do século XVI na Europa, daí o nome Renascença.

Chegou ao Brasil através dos portugueses e foi ensinada em Pernambuco nos conventos e colégios internos de freiras. A Renda Renascença surgiu no Nordeste por volta da década de 30, esse ofício e arte é disseminado em Pernambuco, especificamente em Poção e Pesqueira, e no estado vizinho da Paraíba, na região do Cariri – como nas cidade de São João do Tigre e Monteiro.

Pernambuco e Paraíba são os expoentes e maiores produtores de Renda Renascença do país. Hoje, o Brasil exporta Renda para sete países da América, Europa e Ásia.

Cada ponto da Renda Renascença recebe um nome especial, inspirado em sentimentos, elementos da natureza ou alimentos da região Nordeste. Entre os mais conhecidos e mais utilizados pelas rendeiras estão: aranha, abacaxi, traça, cocada, xerém, amor seguro, laço, sianinha, malha, amarrado e o olho de pombo.





08

## COOPROAF

Cooperativa de Produção e Comercialização dos produtos da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia



### LOCALIZAÇÃO:

Município de Manoel Vitorino  
Sudoeste da Bahia



### BOA PRÁTICA:

Envolvimento e protagonismo das mulheres nos processos de gestão, produção e comercialização dos produtos, tendo como carro chefe o beneficiamento o umbu.







# 63

PESSOAS  
COOPERADAS



## RESULTADOS:

Beneficiamento do umbu com três unidades de processamento, como produto regional despertando à preservação do umbuzeiro, nova opção de renda para as famílias rurais, o fortalecimento das mulheres, agregação de valor do produto, profissionalização e formação do quadro de dirigentes, práticas agroecológicas e a preservação do umbu.



## PRODUÇÃO

Criação de uma rede de Agroindústria formada por unidades de processamento e a implantação de viveiros com capacidade para produzir

**20 mil**   
MUDAS DE UMBUZEIROS



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR)/Projeto Gente de Valor (PGV), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Instituto de Formação Cidadã São Francisco de Assis (ISFA).



# COOPROAF

DOCES E DERIVADOS DO UMBU E FRUTOS DO SEQU  
DELÍCIA NATURAL DA CAATINGA



Fone: 73 3549-26

DOCE em CORTE  
MIGOS BOM  
GELÉIA  
DOCE CREMOSO

**Cooproaf: cooperativismo fortalecendo a agricultura familiar e o empoderamento da mulher**

Cooperativa cresceu ao incentivar a participação dos produtores na gestão, além de investir na economia solidária





A Cooperativa de Produção e Comercialização dos Produtos da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia (COOPROAF) foi fundada em 2010 por um grupo formado basicamente por mulheres. Mas sua história de organização começa muito antes. Os primeiros passos foram dados em 2005, com a realização de uma pesquisa encomendada pela Secretaria de Agricultura do município de Manoel Vitorino, na Bahia. Na ocasião, a pesquisa revelou que a região do Sudoeste da Bahia concentrava a maior produção de umbu, mas também revelou os baixos preços pagos por esse produto.

A partir da potencialidade e da necessidade apontados pelo diagnóstico, a COOPROAF, hoje, se tornou uma rede de agroindústrias da agricultura familiar com grandes unidades de processamento de frutas. Ela se articula com outras microunidades implantadas nas comunidades. Para chegar a esse fortalecimento, diversos atores contribuíram desde antes da sua fundação. A pesquisa realizada pela Secretaria de Agricultura, por exemplo, trouxe como iniciativa a capacitação de agricultores e agricultoras familiares no beneficiamento do umbu, feita pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Desses cursos, treze mulheres se organizaram em grupo e



Nos últimos anos, a COOPROAF que tem grandes conquistas. Crescemos muito também. Mas o maior desafio, é implantar uma gestão profissional em todos os setores da Cooperativa, estruturar melhor a nossa organização. Queremos também fidelizar clientes dos mercados formais, institucionais e divulgar a marca Imbuira nacionalmente. A nossa intenção é consolidar nossa atuação e ampliar cada vez mais os nossos mercados.

**Elenita Maria Souza Silva**, presidenta da COOPROAF.



passaram a produzir doces e compotas de umbu nas cantinas das escolas do município, durante as férias escolares.

Já em 2007, o grupo recebeu o apoio do Conselho do Território de Médio Rio das Contas. Acessou recursos, por intermédio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), para a construção de uma pequena agroindústria. E, em 2009, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) promoveu curso sobre gestão de cooperativismo para agricultores e agricultoras familiares.

Por intermédio do IRPAA, após a fundação da COOPROAF, o grupo recebeu o apoio da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR)/Projeto Gente de Valor/PGV (parceria entre o Governo do Estado da Bahia e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola/FIDA), gerando grandes mudanças na vida das famílias.

Com o apoio da CAR, em 2014, foram inauguradas três unidades de processamento de frutas da Cooperativa. Essa iniciativa consolidou a rede de agroindústrias e miniunidades de beneficiamento de frutas nos municípios de Mirantes e Manoel Vitorino.

Outro grande passo para o crescimento da Cooproaf, foi a participação de um edital do Governo da Bahia, do Programa Vida Melhor. A Cooperativa foi contemplada com uma agroindústria polivalente no município de Jitaúna, destinada à produção de polpa de frutas, geleias, doces e frutas desidratadas. Recebeu ainda cinco agroindústrias simplificadas e um caminhão baú refrigerado para transporte da produção.



A produção da Cooperativa é escoada para a Cesta do Povo e o mercado local. Outro mercado é o institucional, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), do Governo Federal. O desejo agora é chegar ao mercado nacional e, quem sabe, exportar.

## DESAFIOS

O crescimento da COOPROAF, de certa forma, foi rápido. Mas isso representa muitos desafios também. Há a missão de conduzir a organização e fortalecer a agricultura familiar da região. Outro desafio é investir na gestão de cooperativismo e na economia solidária





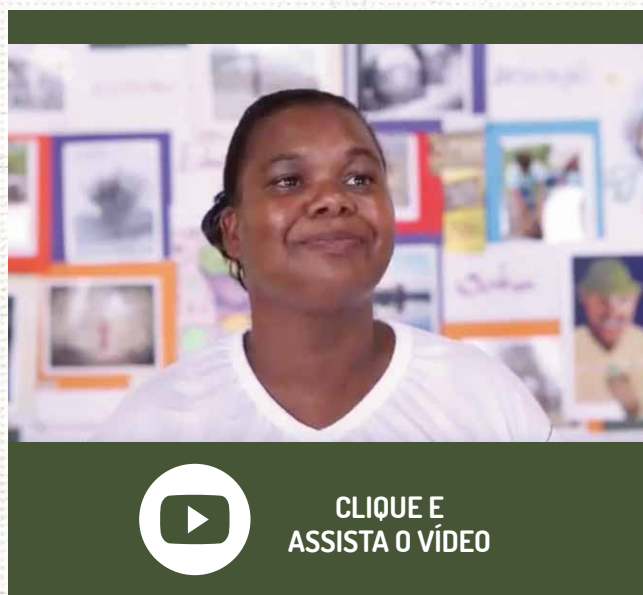
como base do sistema de comercialização das unidades cooperativadas. Para tanto, **PROCURA MANTER NA DIRETORIA DA COOPERATIVA A REPRESENTATIVIDADE DE TODAS AS UNIDADES DE PROCESSAMENTO DE FRUTAS DAS COMUNIDADES.**

Destaca-se a presença, predominantemente, das mulheres à frente da Cooperativa, assumindo diversas funções na gestão. Através do engajamento no cooperativismo, as agricultoras se empoderaram e são donas do seu próprio destino. Hoje as mulheres da Cooperativa participam de diversos espaços políticos de decisão, trabalham e contam com uma renda para cuidar da família e autonomia para lidar com o machismo que ainda persiste nos territórios do Semiárido brasileiro.

Todo o trabalho da COOPROAF visa também a sustentabilidade ambiental. Nas comunidades, há iniciativas de construção de viveiros de mudas de umbuzeiros. A água utilizada no processamento do

umbu, que vem de poços tubulares, deve ser dessalinizada, para tanto, os cooperados estão sendo capacitados para realizar essa tarefa.

Todas as ações envolvendo famílias agricultoras, poder público, organizações da sociedade civil e outros atores sociais têm ajudado a construir uma vida melhor para a população rural. Foram iniciativas que qualificaram o trabalho de beneficiamento do umbu, além de outras frutas nativas, dando possibilidades de geração de renda para centenas de famílias da região. Mostra ainda que o cooperativismo tem contribuído para a emancipação das famílias e, principalmente, atuado para fortalecer o empoderamento das mulheres, resgatando a autoestima, permitindo participação e decisões em espaços políticos.





**09**

# COSENA

Cooperativa Agropecuária  
Senador Pompeu



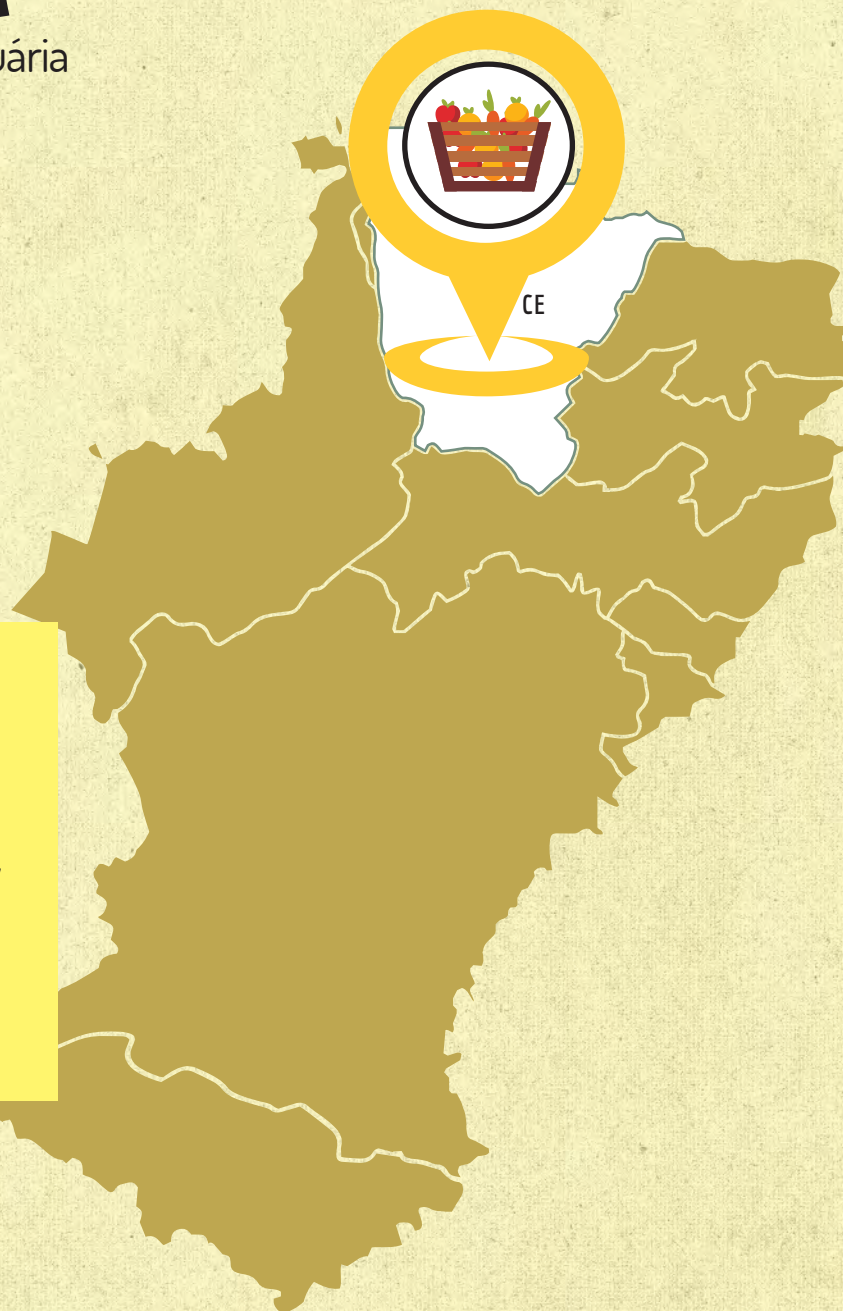
## LOCALIZAÇÃO:

Senador Pompeu  
Sertão Central do Ceará



## BOA PRÁTICA:

Implementação do Projeto Família, envolvendo e promovendo a família como protagonista nos empreendimentos.







MAIS DE  
**100** FAMÍLIAS  
ENVOLVIDAS



### PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Prefeitura Municipal de Senador Pompeu,  
Governo do Estado do Ceará, Programa  
Nacional de Fortalecimento da Agricultura  
Familiar (PRONAF), Società Coopertiva di  
Solidarietà per lo Sviluppo (Sociedade  
Cooperativa de Trento), Sindicato e  
Organização das Cooperativas Brasileiras no  
Estado do Ceará - OCB/CE.



### RESULTADOS:

Acesso aos programas institucionais de aquisição de alimentos, programas de geração de renda, valorização da mão-de-obra familiar, alimentação escolar saudável e envolvimento da juventude rural.





**COSENA: Da monocultura  
do algodão à diversidade  
da agricultura familiar  
com o Projeto Família**

**Uma guinada em direção ao desenvolvimento  
produtivo sustentável incentivou a participação de jovens  
e deu novo fôlego ao cooperativismo**





A Cooperativa Agropecuária de Senador Pompeu (COSENA), criada em 1977, está situada na cidade que carrega em seu nome, no Sertão Central do Ceará. No final dos anos 1980, a COSENA, assim como as demais Cooperativas agropecuárias da região, endividou-se devido ao declínio das lavouras de algodão. Houve uma tentativa de reorganização da produção, mas sem êxito, devido à queda da qualidade da pluma e do baixo valor do algodão no mercado.

Nos anos 1990, a COSENA iniciou um projeto de desenvolvimento produtivo sustentável junto a seus sócios. A primeira fase do projeto consistia em diversificar a produção para incluir outras cadeias produtivas no plano de atuação da Cooperativa. E a segunda etapa em beneficiar parte da produção para agregar valor aos produtos e também alcançar outros mercados.

Na primeira fase, foi preciso enfrentar a resistência dos cooperados à mudança e testar formas de diversificar a produção. Um caminho que deu frutos foi a formação de um grupo de referência entre os agricultores para iniciar um projeto com Unidades de Demonstração, chamado de **Projeto Família**.

## MUDANÇA DE RUMO

A proposta do **Projeto Família** era alavancar a produção e geração de riqueza através das unidades produtivas familiares, intensificando a cooperação entre elas por meio de uma nova forma de vivenciar o cooperativismo.

As famílias escolhidas precisavam ter pessoas comprometidas com os objetivos do projeto, estarem abertas a novos desafios, que incluía a diversificação da



produção e a gestão coletiva da família, envolvendo também os filhos jovens.

Entre os desafios que o projeto se propunha a enfrentar estavam o fortalecimento de novas cadeias produtivas a partir do beneficiamento e comercialização dos produtos manufaturados e o estímulo a participação da juventude nas atividades do campo.

Criar o hábito nas famílias de fazer o controle contábil da propriedade também foi um elemento importante para o êxito do projeto, mas exigiu uma atenção especial até que as famílias absorvessem essa prática.

Depois de escolhidas as famílias, o primeiro passo foi fazer um diagnóstico de mercado para conhecer as demandas, planejar as atividades produtivas – mínimo de três por família – e, em seguida, levantar os custos



Passamos a ter uma alimentação melhor, com mais diversidade de alimentos. Não usamos agrotóxicos, como a produção livre de produtos químicos. Ao mesmo tempo, o trabalho junto com o Projeto Família e a COSENA trouxe o espírito do cooperativismo para a comunidade. Juntamente com outras famílias contribuimos com a fundação da Associação Comunitária do Sítio Passagem do Meio e Adjacências. Começamos a perceber necessidade da organização, de forma coletiva, para trazer melhorias para a nossa localidade.

**Geni Lopes,**  
agricultora e cooperada da COSENA.

necessários. Nesse momento, houve dificuldades de se obter financiamento através de banco e a Cooperativa acionou uma organização italiana, que já havia apoiado financeiramente a COSENA ainda na fase da cadeia produtiva do algodão, que financiou 50% dos projetos.

A estratégia traçada orientava que cada filho ficasse responsável por uma atividade produtiva e um dos membros da família ficasse responsável pela contabilidade. No final, as famílias sabiam quanto se custava para produzir a galinha, a carne, o leite, as frutas, o mel, entre outros.



## TODOS PARTICIPAM

Como incentivo para a participação dos jovens era prevista uma remuneração pelo trabalho desempenhado, que era contabilizada no custo total da produção. A possibilidade de os jovens obterem renda a partir de uma atividade rural mudou a perspectiva deles em relação à migração para os grandes centros urbanos. Nesta intervenção, destaca-se também a participação maior das mulheres no tocante ao controle realizado e dos filhos na gestão de algumas das atividades produtivas da família.

### PRINCIPAIS DESAFIOS PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

- Burocracia para acessar políticas públicas;
- Legislação da agroindústria distante da realidade da agricultura familiar;
- Estiagem prolongada;
- Dificuldade em conseguir capital de giro;
- Dificuldade na elaboração de projeto para a Agroindústria.



Enfrentados os desafios que se apresentaram na caminhada, pode-se dizer que um dos grandes méritos da COSENA foi construir uma proposta de desenvolvimento voltada para a realidade da agricultura familiar. E isso só foi possível graças ao investimento em processos educativos e financeiros nas capacidades individuais e das famílias a partir da organização e planejamento para alcançar, passo a passo, cada meta projetada.



## HISTÓRIA

No Ceará, a participação da agricultura familiar no PIB é bastante significativa: representou cerca de 12% da economia do estado no período entre 2002 e 2007. A grande importância econômica da agricultura familiar favorece a formação de Cooperativas que atuam, principalmente, na comercialização da produção.

Segundo a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), sediada no Ceará, existem hoje no estado 131 cooperativas vinculadas à entidade. Atualmente, o estado passa por um momento de recuperação do cooperativismo no segmento agropecuário após o declínio da produção de algodão nos anos 1990.

A cadeia produtiva do algodão foi muito importante para essa região, pois além de representar uma fonte de renda, exercia um papel importante na sustentabilidade da produção agropecuária, permitindo aos animais a pastagem sobre as ramas e a complementação da alimentação com o resíduo do caroço do algodão após a retirada do óleo, disponível mesmo nas épocas mais secas do ano.

Entre os anos 2003 até hoje, época que coincide com o esforço da COSENA em se reerguer após o declínio da cadeia do algodão, algumas políticas públicas foram ajustadas de forma a contribuir para o fortalecimento da agricultura familiar do Brasil.



Entre as políticas públicas, destacam-se medidas de fornecimento da energia elétrica no campo, acesso a crédito e acesso a mercados governamentais de aquisição de alimentos.

Mesmo com este ambiente favorável, as diferenças entre os projetos concebidos e elaborados pela

COSENA e os modelos financiáveis pelos créditos trouxeram muitas dificuldades para o desenvolvimento da Cooperativa.



**CLIQUE E  
ASSISTA O VÍDEO**





# 10

## FEIRA DO PARQUE



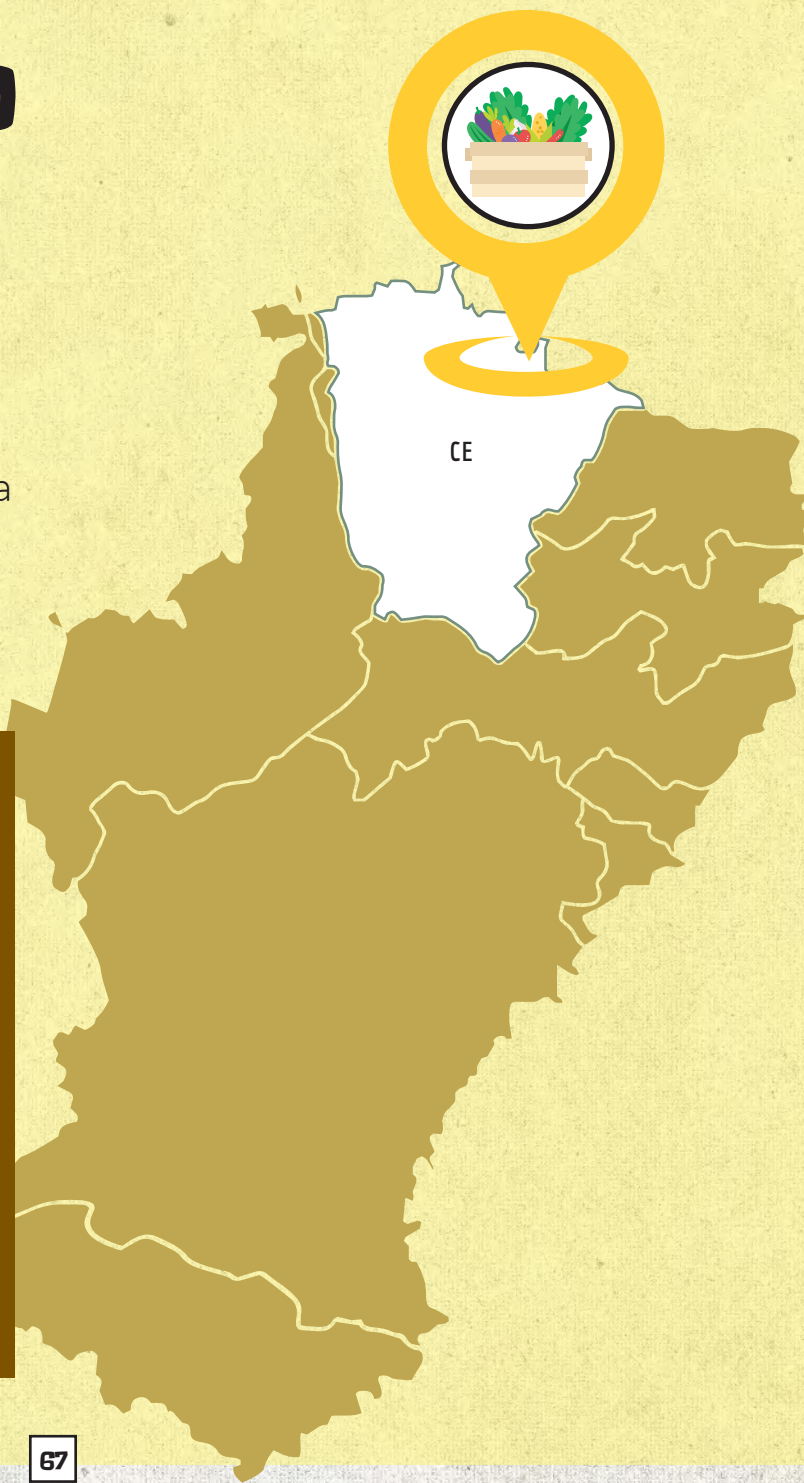
### LOCALIZAÇÃO:

Fortaleza – bairro Paquelândia  
(Região Central)  
Parque de Exposição do  
Estado do Ceará (EXPOECE)



### BOA PRÁTICA:

Formação de uma rede de 11 cooperativas para comercialização; organização da feira como espaço estratégico de venda direta e promoção dos produtos da agricultura familiar; articulação de parcerias para apoio e assessoria técnica.







## AÇÕES:

Produção e comercialização de hortaliças, frutas e outros produtos transformados; formação de técnicos agrícolas para multiplicar a experiência para que possa servir como modelo para outras organizações de agricultura familiar



## RESULTADOS:

Fortalecimento do empreendedorismo no Semiárido e da comercialização dos produtos da agricultura familiar através da organização coletiva de agricultores ligados a cooperativas; venda direta dos produtos ao consumidor.



**200** FAMÍLIAS ENVOLVIDAS



**11** TERRITÓRIOS DO CEARÁ



A Feira movimenta localmente  
**R\$ 15 MIL** POR MÊS



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA/CE), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ematerce), Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Ceará (OCB/CE) e Governo Federal (PAA e PNAE).





## **Agricultores conquistam espaço de venda direta em Fortaleza**

**Na Feira do Parque, consumidores compram alimentos de cultivo agroecológico, livres de agrotóxicos, diretamente dos produtores**





Semanalmente, 200 famílias agricultoras – a maior parte delas dedicadas à agroecologia – vendem seus produtos diretamente para aos consumidores da capital cearense. Os alimentos saem de 11 territórios rurais com destino à Fortaleza, onde são comercializados por quatro dias (de quinta-feira a domingo). Para escoar os produtos *in natura* ou manufaturados, as famílias produtoras se organizam em Cooperativas e associações rurais.

Onze Cooperativas são fundamentais para a realização da feira em Fortaleza. Juntas, elas unem forças, conhecimentos e atraem importantes parceiros para ultrapassar os desafios de ir ao encontro dos consumidores, superando a dependência dos atravessadores.

Por ser realizada no Parque de Exposição do Estado do

Ceará (Expoece), a feira da agricultura familiar é conhecida como Feira do Parque. A média semanal de consumidores é de mil pessoas. A comercialização direta aos consumidores é uma estratégia de potencializar a organização da produção nas unidades familiares, agregar valor aos produtos e gerar laços de confiança e credibilidade entre agricultores e consumidores.

Uma cliente bastante frequente é a massoterapeuta Janaina Gomes, que tem consciência de que sua presença é uma forma de fortalecer a iniciativa. “Sem dúvida esse espaço foi uma grande conquista para os agricultores e para mim, pois sei que aqui posso encontrar hortaliças e frutas saudáveis sem uso de agrotóxicos. Gosto dos alimentos agroecológicos, eles são mais saborosos, livres de químicos, duram mais na geladeira e respeitam os recursos naturais”.



No momento em que o Brasil se mantém por anos consecutivos como o país que mais consome agrotóxicos no mundo, espaços como esse são importantíssimos para possibilitar às famílias urbanas uma alimentação saudável. **NA FEIRA DO PARQUE, SÃO VENDIDOS ALIMENTOS SEM VENENO E ALGUNS POSSUEM O SELO DE CERTIFICAÇÃO DE PRODUTOS ORGÂNICOS.** Além disso, a diversidade dos alimentos e o preço justo praticado foram indicados pelos consumidores como elementos que os fazem manter sua fidelidade como clientes.

## REDE DE PARCERIAS

No começo da iniciativa, a feira era destinada a um público bem menor, formado pelos funcionários da Secretaria de Desenvolvimento Social do Ceará (SDS) e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ematerce). Porém, não demorou muito para que o público da feira se ampliasse.

A formação de uma rede de parceiros vem contribuindo para um espaço permanente de diálogo voltado à organização, à superação dos desafios e identificação de estratégias para fortalecer a feira. A gestão é realizada diretamente por agricultores, que desenvolvem capacidades gerenciais administrativas e financeiras, bem como habilidades para a superação dos desafios.

A parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA) possibilitou que a feira acontecesse no pavilhão do Parque de Exposição, bem no centro de Fortaleza, um espaço privilegiado pela

grande circulação de pessoas. Atualmente, além de ceder o espaço, a SDA paga as despesas com energia elétrica para a iluminação do pavilhão e funcionamento dos equipamentos de refrigeração. Em seguida, Ematerce e a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) se juntaram ao grupo de agricultores e agricultoras familiares.

A Ematerce oferece assessoria técnica para que a produção contínua, diversificada e em quantidade suficiente para atender a demanda. A OCB atua na capacitação dos agricultores e agricultoras para desenvolvimento de capacidades gerenciais e no fortalecimento da gestão coletiva da feira com o envolvimento ativo dos agricultores e agricultoras, com destaque para a participação das mulheres. A OCB também forneceu freezers para armazenamento dos produtos processados.



Através da feira, construímos uma rede de parceiros que vem contribuindo para um espaço permanente de diálogo quanto à organização, à superação dos desafios e identificação de estratégias para fortalecer a feira. A feira mostra que é possível a gente produzir e gerar renda a partir da agricultura familiar de forma organizada.

**Airton Aloisio Kern,**  
produtor da Feira do Parque





## DESAFIOS

Para criar condições de venda direta aos consumidores, é preciso cuidar de questões estruturais como manutenção das estradas, transporte, infraestrutura para a boa conservação dos alimentos e ter uma produção que seja capaz de atender, em quantidade e qualidade, as necessidades dos clientes.

Atualmente, a logística de transporte é feita com caminhões alugados que, através de três rotas, passam por diversos municípios recolhendo todos os produtos. A ideia é apresentar, por meio da Cooperativa central - criada em 2014 pelas 11 Cooperativas que fundaram a Feira do Parque - um projeto ao Governo do Estado para a aquisição de três caminhões fechados. Isso irá reduzir as despesas para realização da feira, que movimenta cerca de R\$ 15 mil por semana.

A logística do transporte também interfere na quantidade dos produtos comercializados. Os agricultores relatam que a capacidade de oferta

semanal é maior que a atual, porém sofrem dificuldades para o escoamento dos alimentos.

Os feirantes identificaram também a necessidade de criar um banco de dados para gerenciar informações como a quantidade das vendas e o faturamento. Também é consenso a necessidade de ampliar a divulgação da feira, utilizando meios como as emissoras de rádio e programas de televisão de Fortaleza.

Outra demanda do grupo de agricultores é a transferência da feira para um galpão mais adequado, seguro e melhor ventilado, uma vez que os agricultores se alojam nesse espaço nos quatro dias da feira.

Entre as lições aprendidas pelas famílias agricultoras destacam-se: a união, organização, gestão através do “aprender fazendo”, participação, diversidade da produção e experimentação na geração de novos conhecimentos.







# FEIRA AGROECOLÓGICA DE CASA FORTE



## LOCALIZAÇÃO:

RECIFE  
Bairro de Casa Forte



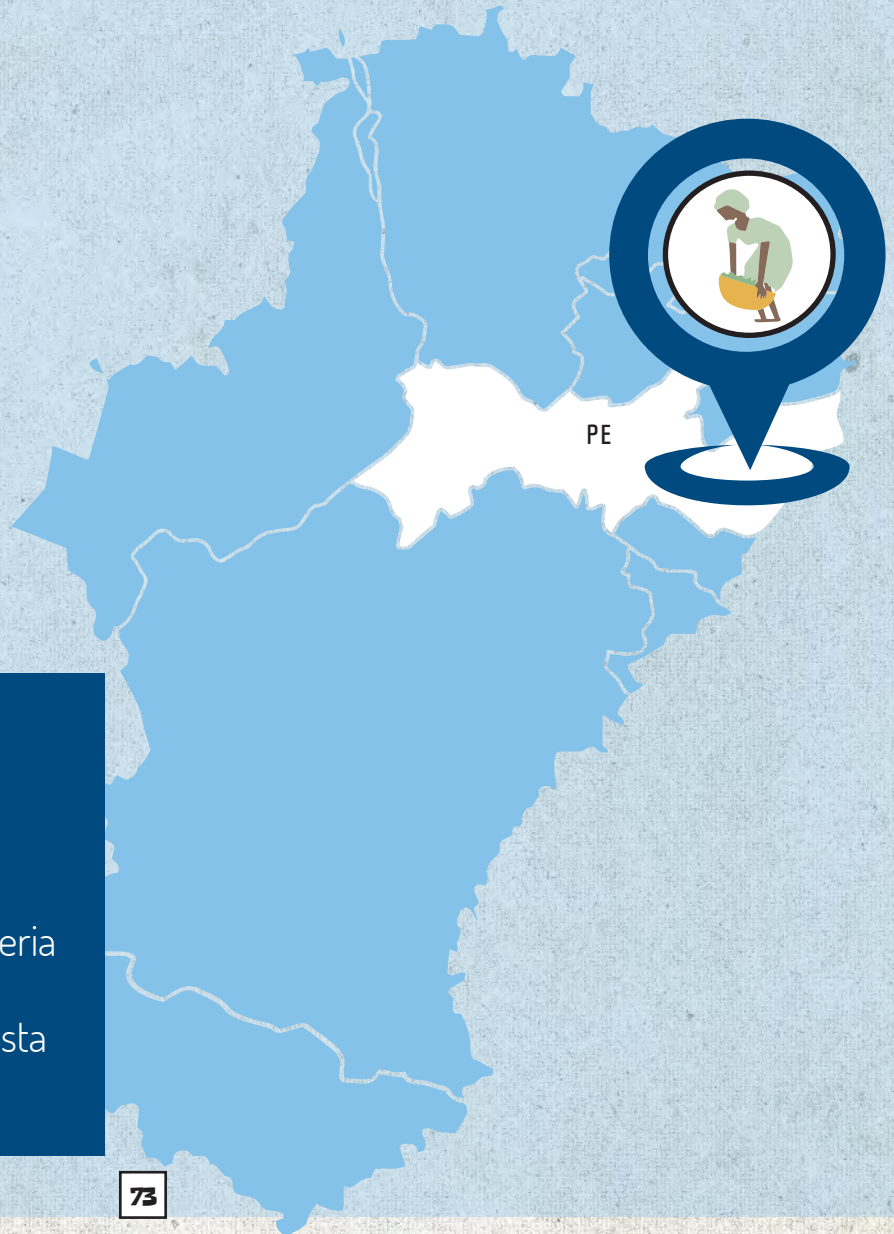
## FUNDAÇÃO:

Desde 2006



## BOA PRÁTICA:

Protagonismo das mulheres na produção e comercialização. A feira demonstra ser um espaço que possibilita às mulheres a conquista de sua autonomia.







## ESTRUTURA:



**35**  
BARRACAS



**36**  
FAMÍLIAS



**05** MUNICÍPIOS  
DA ZONA  
DA MATA



## RETORNO:

Cada família tem lucro de  
**R\$ 400,00** POR FEIRA



## PRODUTOS:

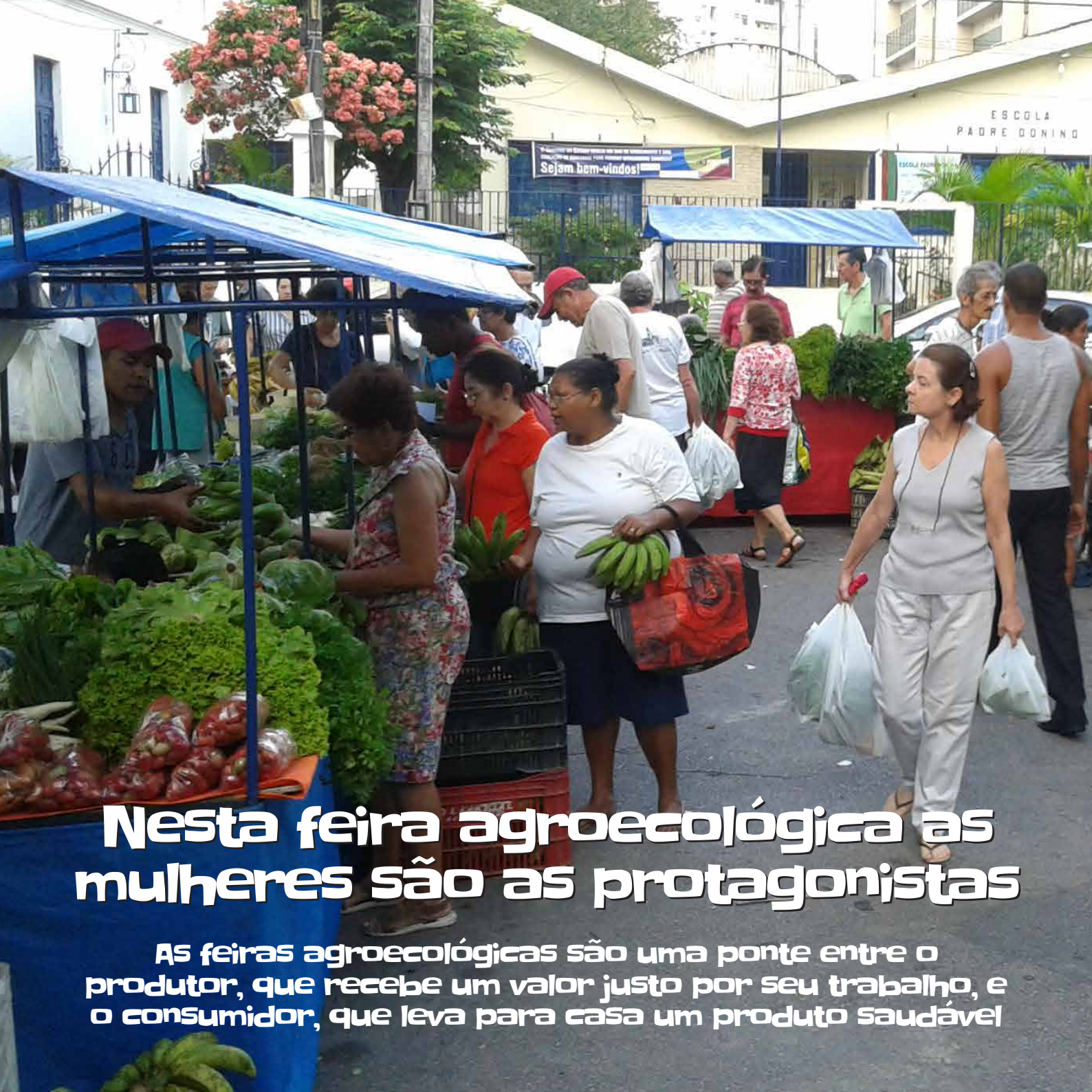
São comercializados mel, rapadura, flores tropicais, cachaça, entre outros. São mais de 30 tipos de hortaliças, como espinafre, cebolinha, couve-flor, alface e coentro.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Centro de Estudos Tecnológicos, Pesquisas e Gestão aos Ambientes Sustentáveis (CEPTASS)





# Nesta feira agroecológica as mulheres são as protagonistas

As feiras agroecológicas são uma ponte entre o produtor, que recebe um valor justo por seu trabalho, e o consumidor, que leva para casa um produto saudável





Desde 2006, a Feira Agroecológica de Casa Forte funciona todos os sábados. O bairro que dá nome à feira fica em uma área nobre do Recife, capital de Pernambuco. **AS CERCA DE 50 BARRACAS FORNECEM PRODUTOS CULTIVADOS E BENEFICIADOS POR, APROXIMADAMENTE, 36 FAMÍLIAS QUE VIVEM EM COMUNIDADES RURAIS NOS MUNICÍPIOS DA ZONA DA MATA PERNAMBUCANA: CHÃ GRANDE, GOIANA, AMARAJI, VITÓRIA DE SANTO ANTÃO E POMBOS.**

Todas as comunidades estão organizadas em associações e a feira apresenta um processo de gestão e organização consolidado. Os produtores pagam uma taxa para expor seus produtos, uma vez que é necessária a utilização de barracas metálicas. Os preços dos alimentos são tabelados para garantir um preço justo tanto para quem produz, como para quem

compra. O não cumprimento dessa tabela pode trazer punições ao agricultor, como exemplo, não expor por algumas semanas.

**+30**   
**DE TIPOS DE HORTALIÇAS  
COMERCIALIZADAS**

A área produtiva das famílias dispõe de terra e água suficiente para o cultivo dos alimentos, que é feito em sistema consorciado e em grande escala. A boa variedade e quantidade de produtos chamam atenção dos consumidores. Além de hortaliças e frutas também são comercializados mel, rapadura, flores tropicais e cachaça, entre outros. O **Centro de Estudos Tecnológicos, Pesquisas e Gestão aos Ambientes**



**Sustentáveis (CEPTASS)** assessora a gestão e produção do grupo.

Os produtores das duas feiras demonstram consciência sobre a importância da agricultura de base agroecológica tanto para a qualidade de vida da família como para melhores condições alimentares do consumidor. “Os produtos agroecológicos são bem mais valorizados. Provenhos bem estar para nós e para os nossos clientes. Os agrotóxicos são prejudiciais à saúde. Já perdi uma tia com câncer ocasionado por muitos anos na lavoura com produtos químicos”, disse o jovem agricultor Vandson Santos.

“

A cada dia, os produtos agroecológicos são mais valorizados. Hoje, a gente trabalha e tem lucro. A feira tem promovido geração de renda para nós e alimentação saudável para os consumidores.

Provenhos bem estar para nós e para os nossos clientes. Os agrotóxicos são prejudiciais à saúde, já perdi uma tia com câncer ocasionado por muitos anos na lavoura com produtos químicos ofensivos.

**Vandson Santos,**

jovem produtor da Feira de Casa Forte,  
do município de Chã Grande/PE.

## **TRABALHO FEMININO EM EVIDÊNCIA**

Destacar o protagonismo das mulheres tem sido uma característica das feiras agroecológicas. Tal iniciativa abre espaço às mulheres e à conquista de autonomia.

Afinal, são elas que dividem com os maridos e filhos as responsabilidades na produção e comercialização. Em média, cada feirante tem rendimento de R\$ 400,00 por feira.

O grupo de feirantes sabe da importância e necessidade de uma ação de comunicação para divulgar o espaço e investe em materiais como banners e folders. Os próprios consumidores ajudam a ampliar a visibilidade do espaço fazendo uma ponte entre a imprensa pernambucana e a iniciativa. O resultado é a aparição constante da feira em jornais impressos, TVs e rádios.





## AS FEIRAS AGROECOLÓGICAS EM PERNAMBUCO

Uma das estratégias de comercialização dos produtos da agricultura familiar agroecológica são as feiras agroecológicas, onde o produtor vende diretamente ao consumidor e evita a presença de atravessadores. Para algumas famílias, as feiras se tornaram a principal fonte de renda. O dinheiro apurado permite que os agricultores e agricultoras comprem o que não é produzido em sua propriedade, adquiram bens pessoais e invistam na melhoria do sistema produtivo.

Ao contrário das redes de supermercados, que são a ponta final de um circuito longo de comercialização de alimentos, **AS FEIRAS AGROECOLÓGICAS FUNCIONAM SEGUNDO A LÓGICA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, DO PREÇO JUSTO, DO CIRCUITO CURTO DE VENDA, DA APROXIMAÇÃO ENTRE PRODUTOR E CONSUMIDOR E DA AUTONOMIA DOS AGRICULTORES E AGRICULTORAS NA GESTÃO DO SEU NEGÓCIO.**

Pernambuco tem se destacado na implantação de feiras agroecológicas. Hoje, são mais de 40 espalhadas nas regiões do Agreste, Zona da Mata, Sertão e Região Metropolitana do Recife, como esta no bairro de Casa Forte.

Para isso, as organizações da sociedade civil pernambucana têm prestado importantes assessorias às famílias agricultoras. Elas orientam produtores, criando conjuntamente estratégias de comercialização e ampliando as condições para que as famílias tenham pleno controle de sua produção.





# 12

## FAST

FEIRA AGROECOLÓGICA  
DE SERRA TALHADA



### LOCALIZAÇÃO:

SERRA TALHADA  
Sertão do Pajeú/PE



### BOA PRÁTICA:

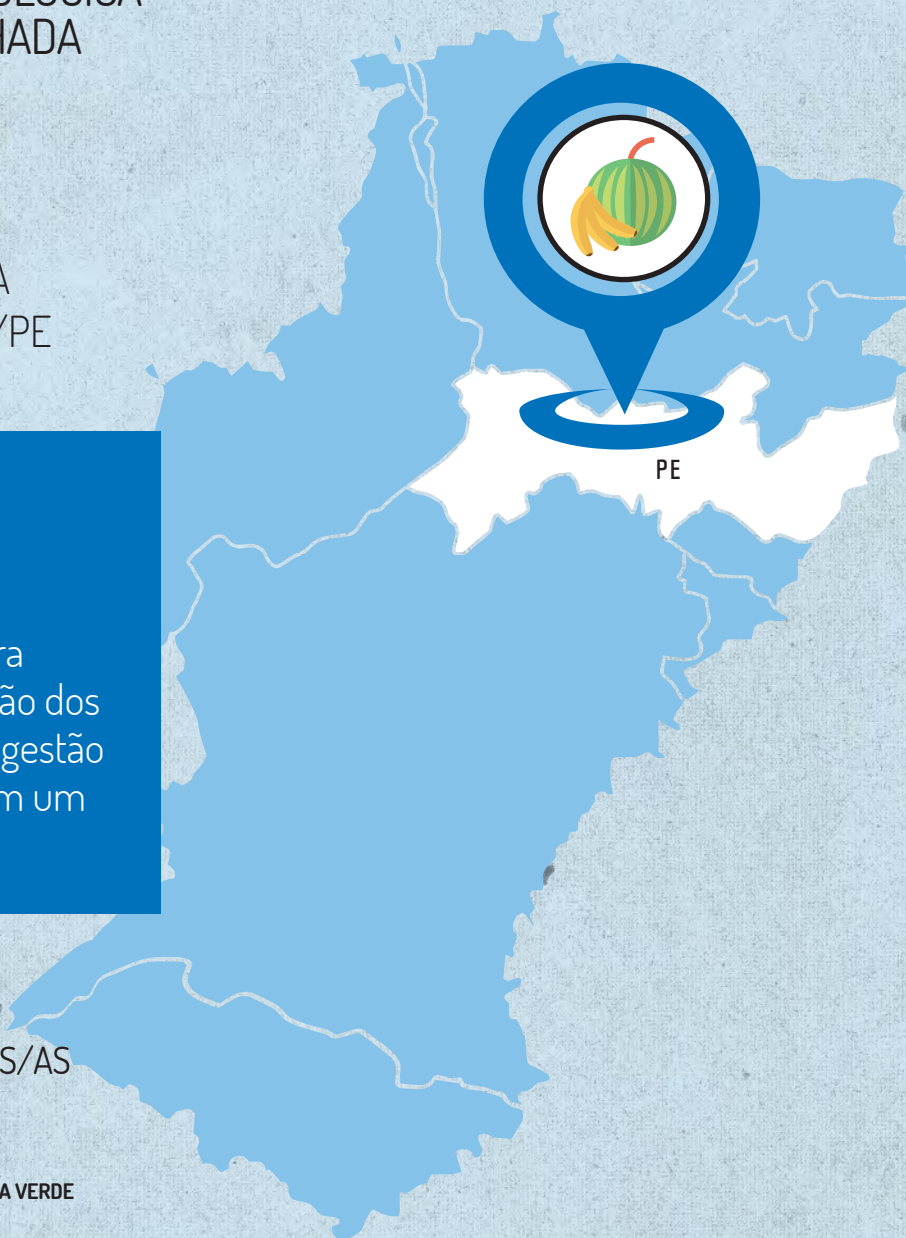
Formação de um espaço para organização e comercialização dos produtos. A feira conta com gestão própria dos produtores e com um fundo solidário.



14  
DE 3

ENVOLVE  
AGRICULTORES/AS  
FAMILIARES

MUNICÍPIOS:  
FLORES,  
SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE  
E SERRA TALHADA







## REFERÊNCIA:

As mulheres são maioria entre as pessoas envolvidas diretamente na iniciativa. Aliás, elas ocupam funções de liderança na FAST, assumindo os cargos de coordenação, secretaria e tesouraria.



## RECONHECIMENTO:

A FAST recebeu o título de Organização de Controle Social (OSC) pelo Ministério da Agricultura e Pesca (Mapa). Realiza a venda direta entre o produtor e o consumidor final, sem a presença de atravessadores.



## TRAJETÓRIA

É considerada a primeira feira agroecológica do Sertão de Pernambuco, mais antiga em funcionamento.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Centro Sabiá, Centro de Educação Comunitária Rural (Cecor) e Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu).





# Primeira feira agroecológica do Sertão pernambucano tem forte liderança feminina

A mudança da agricultura convencional para a agroecologia melhorou a renda, a produção e o acesso aos mercados dos agricultores familiares





Maria Silvolúcia Mendes, da comunidade Queteimporta, no município de Triunfo, vende seus produtos na primeira feira agroecológica do Sertão pernambucano desde 2004. Assim como as demais famílias, seu passaporte para participar da feira a mudança na forma de cultivo: deixou de plantar com o uso de agrotóxicos e adotou as técnicas e conhecimentos da agroecologia para lidar com os recursos naturais e as plantas. “Mudou tudo na minha vida. Conheci novas tecnologias, novas pessoas, novas amizades e aprendi muito. Aumentei a minha produção com mais diversidade e qualidade”, fala orgulhosa.

**O QUE ANTES ERA PLANTIO DE UMA ÚNICA ESPÉCIE SE TRANSFORMOU NUM ESPAÇO DE DIVERSIDADE DE CULTIVOS DE BANANA, MACAXEIRA, ABÓBORA, TOMATE, QUIABO, VAGEM, LARANJA, MAMÃO E GRAVIOLA.**

### A FAST

Feira Agroecológica de Serra Talhada foi criada em 2000 por um grupo de agricultores e agricultoras familiares que haviam migrado da agricultura convencional para a agroecologia e, com isso, tiveram grande aumento na produção de alimentos. O excedente, ou, o que as famílias não consumiam dava para vender e aumentar a renda familiar.

Com produção suficiente e assessoria de organizações de fortalecimento da agricultura familiar como o Centro de Educação Comunitária Rural (Cecor), Centro Sabiá e Associação de Desenvolvimento Rural



“

Deixei de plantar com o uso de agrotóxicos e adotei as técnicas e conhecimentos da agroecologia.

Mudou tudo na minha vida. Conheci novas tecnologias, novas pessoas, novas amizades e aprendi muito. Aumentei a minha produção com mais diversidade e qualidade. Isso fez toda a diferença para a minha família e para os clientes, pois mudou a nossa alimentação para melhor e dos consumidores com produtos de qualidade.

**Maria Silvolúcia Mendes,**

Produtora da feira do município de Triunfo-PE

Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu), além do movimento sindical dos trabalhadores rurais, a FAST virou realidade e se fortalece a cada novo ano.

## ♀ FORÇA FEMININA E RECONHECIMENTO

Uma destaque da feira é a participação das mulheres, que são maioria entre as pessoas envolvidas diretamente na iniciativa. Aliás, elas ocupam funções de liderança na FAST, assumindo os cargos de coordenação, secretaria e tesouraria.

As mulheres são responsáveis, entre outras tarefas, por gerenciar um Fundo de Reserva para custear as despesas fixas e eventos promovidos pela feira. O fundo é mantido através do pagamento de uma taxa semanal pelos participantes.

A FAST foi reconhecida pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) como Organização de Controle Social (OSC), que oficializa a venda direta entre o produtor e o consumidor final, sem a presença de atravessadores. Esse processo faz parte de uma conquista para a agricultura familiar.

A FAST já chegou a ter 22 famílias de comunidades rurais dos municípios de Serra Talhada, Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo comercializando no espaço. No entanto, por causa da seca, a quantidade diminuiu para 14. Para participar da FAST, um requisito necessário é a



22  
FAMÍLIAS

SECA

14  
FAMÍLIAS





família ser assessorada por uma das organizações parceiras ou fazer parte de uma associação comunitária rural.

## **VARIEDADE E SUSTENTABILIDADE**

Dos seus sistemas produtivos, as famílias levam para vender frutas, hortaliças, legumes, grãos, polpas de frutas, caldo de cana-de-açúcar e produtos de origem animal - ovo e galinha da capoeira, peixe, bode e derivados de leite. Tudo sem um pingo de veneno e produzido de forma sustentável para o meio ambiente. A água que molha a roça ou o quintal produtivo vem das tecnologias que armazenam água da chuva para uso nos meses de estiagem.



**A FEIRA FUNCIONA TODOS OS SÁBADOS, À PARTIR DAS 6H, NO CENTRO DE SERRA TALHADA**

Atualmente, a feira funciona na Praça Sérgio Magalhães, no Centro de Serra Talhada, todos os sábados à partir das 6h. Além de ser um espaço de comercialização de produtos agroecológicos, a feira é também um ambiente onde acontecem muitas trocas de saberes e experiências entre consumidores e agricultores.

Para aproximar ainda mais quem produz e quem consome, frequentemente a FAST realiza visita às áreas produtivas das famílias. A ideia é mostrar na prática como funciona a agricultura familiar agroecológica, desde o plantio na comunidade até o produto chegar na banca.

## **EXPERIÊNCIA DE CAMPO**

Um dos casais que recebe as visitas é seu Milton, mais conhecido como Miltinho, e dona Do Carmo, da comunidade de Carro Quebrado, município de Triunfo, no Sertão do Pajeú, a 360 km do Recife. Eles participam da FAST desde 2001 vendendo produtos *in natura* e beneficiados como as polpas de frutas. Em época de chuva abundante, vendem hortaliças e bolos de macaxeira.

Em suas terras, com pouco menos de um hectare, eles implantaram um sistema agroflorestal. “Com o agroflorestal, temos um pouquinho continuado de cada coisa, em diferentes épocas. Além de nossas culturas anuais com o milho e feijão”, explica seu Milton.

“Antes na nossa área era só a monocultura. Depois, tivemos uma variedade e produção e, daí, passamos a comercializar na feira agroecológica”, conta dona Do Carmo. “A feira, para nós, não é só um trabalho. É espaço de ponto de encontro dos amigos, de conversa, de botar o papo em dia. Não vejo os consumidores como clientes e, sim, como amigos”, acrescenta seu Milton.





13

# ASSENTAMENTO MOACI LUCENA



## LOCALIZAÇÃO:

APODI

Sertão do Rio Grande do Norte



## BOA PRÁTICA:

Manejo Sustentável da Caatinga seguindo promovendo a experimentação e colocando a figura do agricultor experimentador como ator chave na construção do conhecimento.





**24** FAMÍLIAS  
ENVOLVIDAS



## LEGITIMIDADE:

Os agricultores fundaram a Associação dos Posseiros do Assentamento Moaci Lucena.



## RESULTADOS:

As técnicas de manejo da Caatinga proporcionam às famílias o aumento da disponibilidade de forragem para os animais, aumento da produção animal, melhoria do solo, preservação das espécies nativas, incremento da renda familiar através da caprinocultura leiteira e de corte e da apicultura.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Projeto Dom Helder Camara, Ministério do Desenvolvimento Agrária – MDA e Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA).



A large, leafless tree with a thick trunk and many bare branches stands in the center of the frame. In the foreground, a wire fence runs across the scene, with several cows grazing behind it. The background shows a semi-arid landscape under a blue sky with scattered white clouds.

# **Assentamento Moaci Lucena, uma experiência de manejo sustentável da Caatinga**

**A convivência bem-sucedida com o Semiárido depende  
de práticas que respeitem as singularidades da Caatinga,  
o bioma predominante**





O assentamento Moaci Lucena foi constituído por 20 famílias agricultoras que trabalhavam na Fazenda Boca da Mata, não possuíam terra e tinham na agricultura sua principal atividade produtiva. Em agosto de 2015, o número de famílias chegou a 24. Com 549,9 hectares de solo de boa qualidade para produção agrícola e criação animal, o assentamento fica a 24 quilômetros da sede do município de Apodi, no Rio Grande do Norte.

Para a escolha do manejo da agrobiossistema, foi reconhecido e levado em conta o potencial da caatinga para a integração das atividades produtivas. As famílias assentadas tomaram a sábia decisão de conciliar o uso da caatinga com a sua conservação. Como bioma característico do clima semiárido, a Caatinga se destaca pela resistência natural às condições de irregularidade pluviométrica e ampla diversidade de espécies animais e vegetais.



## MANEJO DA CAATINGA

As práticas de manejo na Caatinga foram raleamento em faixas, plantio de espécies nativas arbustivas e arbóreas com finalidade de produção apícola e de

criação de caprinos e ovinos, e regeneração da vegetação nativa. A inovação do manejo produtivo das terras em Moaci Lucena seguiu também a estratégia da experimentação, com a figura do agricultor experimentador – que tem papel central na construção do conhecimento.



O assentamento hoje é uma Associação dos Posseiros do Assentamento Moaci Lucena. Com a troca de experiências a gente descobriu que existiam vários fatores que podiam ser transformados em fontes de renda. O principal deles na questão ambiental foi mudar o manejo da Caatinga. Deixar de desmatar e aprender a conviver dentro da mata, fazendo raleamento e rebaixamento e trabalhando essa área também com a cultura de sequeiro – milho, feijão, algodão, gergelim, sorgo...

**José Holanda de Morais,**  
assentado do Moaci Lucena.



“Antigamente, eu lembro que a gente esperava chegar o inverno para meter fogo no broque, ia brocar, tirar a mata toda. Hoje não. Aprendemos que não precisa mais disso. Hoje, a gente planta, colhe, não tem medo de se alimentar”, acrescenta Maria Lúcia da Silva Oliveira, do grupo de mulheres da associação.

## AS TÉCNICAS DE MANEJO DA CAATINGA PROPORCIONAM ÀS FAMÍLIAS:



Aumento da disponibilidade de forragem para os animais



Aumento da produção animal



Melhoria do solo



Preservação das espécies nativas



Incremento da renda familiar através da caprinocultura leiteira e de corte e da apicultura



Além disso tudo, as famílias beneficiavam a produção de frutas nativas, produzindo polpas de frutas para consumo próprio e comercialização.

“Essa experiência proporcionou a descoberta de várias cadeias produtivas como a da apicultura que é um dos carros-chefes do assentamento. E as famílias não deixaram de ter seu alimento na mesa”, completa José Holanda.

O assentamento sempre teve como característica a união das famílias. E com a criação da Associação, elas estão sempre em busca de apoios para projetos de desenvolvimento sustentável que ampliem as condições de convivência com o Semiárido. Entre os apoios, destaca-se o do Projeto Dom Helder Camara e da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Dessa forma, pode-se dizer que o protagonismo das famílias, somado ao apoio de organizações sociais e de pesquisa, técnicos e governos, tornou o assentamento uma referência no manejo sustentável da Caatinga.



Muita coisa mudou no assentamento. Com a troca de experiências a gente descobriu que existiam vários fatores que podiam ser transformados em fontes de renda. O principal deles na questão ambiental foi mudar o manejo da Caatinga. Deixamos de desmatar e aprendemos a conviver dentro da mata, fazendo raleamento e rebaixamento e trabalhando essa área também com a cultura de sequeiro – milho, feijão, algodão, gergelim, sorgo.

**José Holanda de Morais,**  
produtor e assentado do Moaci Lucena.



## NO SERTÃO DO APODI, A ORGANIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR FOI INICIADA PELA IGREJA

---

No território do Apodi, no início da organização das famílias, o trabalho social da igreja Católica junto às comunidades rurais formou lideranças e estimulou a criação de diversas formas de organização: associações, sindicatos e Cooperativas. A intenção do trabalho era promover a autonomia dos agricultores familiares, através de formações em gestão participativa e de acesso a novos conhecimentos.

A partir de 2003, as famílias agricultoras passaram a ser assessoradas pelo Projeto Dom Helder Camara (PDHC)/Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Essa assessoria estimula a experimentação de novas práticas agroecológicas, como o manejo de Caatinga, o beneficiamento de frutas, mel e castanha de caju, a criação de caprinos e ovinos, a produção e armazenamento de forragem, entre outros.

A assessoria técnica também atuou junto às famílias para sua organização no acesso a novos mercados, como feiras e programas institucionais; na formação de lideranças comunitárias e no apoio para acesso ao crédito agrícola, entre outras áreas.





14

# SOMBRAS GRANDES E MILAGRES

Sistemas Irrigados Agroecológicos



## LOCALIZAÇÃO:

CARAÚBAS  
Chapada do Apodi



## BOA PRÁTICA:

Implementação de um sistema de irrigação de hortaliças e frutas, integradas com a criação de animais e com a apicultura, para comercialização direta na feira local.







## RESULTADOS:

Organização da produção, com 16 tipos diferentes de alimento e beneficiamento das frutas em polpas.



## COMERCIALIZAÇÃO:


Com mais 12 comunidade, as famílias comercializam na Feira Agroecológica de Caraúbas.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPAPI), Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Petrobras.





**sistemas irrigados  
agroecológicos impulsionam  
a produção e o acesso  
ao mercado**

**Unidos pela preservação e manejo sustentável da  
Caatinga, famílias agricultoras criaram uma associação  
para viabilizar práticas sustentáveis nas comunidades de  
Sombras Grandes e Milagres**





As comunidades rurais Sombras Grandes e Milagres estão localizadas no município de Caraúbas, na Chapada do Apodi, no Semiárido do Rio Grande do Norte. A vocação dessa região é a agricultura familiar, com destaque para a produção de mel, embora empresas do agronegócio estejam presentes no território com agrotóxicos e um rastro de devastação dos recursos naturais.

### PERIGO REAL

A região da Chapada do Apodi está sob ameaça de um projeto de irrigação do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) para o monocultivo de cacau e uva com o uso intensivo de agrotóxicos, inclusive com a pulverização aérea que espalha veneno a quilômetros de distância das lavouras.

Apesar da chegada desta iniciativa, conhecida como “projeto da morte”, as comunidades de agricultores e agricultoras familiares da região resistem no cultivo da terra de forma agroecológica, na conservação dos recursos naturais e da Caatinga. Assim, são criadas condições propícias para comunidades e assentamentos conviverem com o Semiárido.



### MANEJO SUSTENTÁVEL DA CAATINGA

Em 2003, os agricultores familiares de Sombras Grandes e Milagres iniciaram um processo de recuperação do solo a partir do manejo da Caatinga. Esse foi o começo de um trabalho coletivo na comunidade para a criação da Associação dos Agricultores Familiares de Sombras Grandes e Milagres



dois anos depois. A Associação abriu a porta das comunidades para a chegada de vários projetos produtivos sustentáveis.

Um desses projetos foi o de irrigação, resultado de uma parceria da associação com o Projeto Dom Helder Camara (PDHC), Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e Petrobras. A parceria foi firmada em 2009 e resultou na construção de um sistema de irrigação de hortaliças e frutas integrada com a criação de animais e com a produção de mel de abelha.



Aqui, homens e mulheres têm papel importante no cuidado com a horta. Para os homens fica a responsabilidade de carregar o esterco e fazer o composto. As mulheres, em geral, trabalham na produção de mudas para o viveiro, plantação e manutenção de todo o sistema. Tenho muito orgulho de ser mulher e trabalhar com a agricultura familiar; não é coisa de outro mundo. Sou muito feliz de trabalhar na terra, colher para alimentar minha família e muitas outras famílias.

**Antônia Pereira da Silva (Dona Toinha),**  
agricultora familiar de Caraúbas – RN

No Semiárido, a irrigação deve ser bem projetada e manejada para fazer uso racional da água e evitar a redução da qualidade do solo e processos de degradação. Por estes motivos, o sistema de irrigação instalado em Sombras Grandes e Milagres priorizou a irrigação localizada por microaspersão e por

gotejamento. Outro ponto que faz diferença nessa iniciativa é que a instalação dos sistemas de irrigação foi todo feito com a participação da comunidade de tal forma que eles aprenderam a técnica e podem consertar se houver problema. Também podem construir novos sistemas de acordo com as necessidades futuras.

De lá pra cá, observa-se que a experiência dos sistemas irrigados agroecológicos potencializou a organização da produção. **“APESAR DOS QUATRO ANOS DE SECA, O ASSENTAMENTO NÃO SOFRE COMO ANTES E CONSEGUE SE MANTER BEM DURANTE TODO O ANO COM 16 TIPOS DIFERENTES DE ALIMENTOS, COM O BENEFICIAMENTO DAS FRUTAS EM POLPAS QUE ANTES NÃO ERAM APROVEITADAS. ATUALMENTE, OS AGRICULTORES PRODUZEM POLPA DE CAJU, CAJARANA, ACEROLA, MANGA, MARACUJÁ, ENTRE OUTROS”**, conta um dos agricultores envolvidos na iniciativa.



## CULTIVO SUSTENTÁVEL

Nas comunidades, as famílias cultivam hortaliças e frutas de forma agroecológica. A água para manter a produção vem de poços planejados para atender as necessidades do sistema. A irrigação possibilitou o plantio de hortaliças, que até então não faziam parte do hábito alimentar das famílias. Para cultivar algo novo, a experimentação de diversas formas de manejo foi essencial para as famílias observarem e conhecerem os ciclos das hortaliças. Essa experimentação foi gerando aprendizado e, hoje, as famílias dominam o plantio de diversas hortaliças, como a cenoura, beterraba, alface, coentro, cebolinha,



pimenta, bem como práticas agroecológicas que mantêm a fertilidade do solo.

Além das hortaliças e frutas, as famílias também cultivam algodão, gergelim, amendoim e sorgo. Criam galinhas, abelhas e caprinos. Para manter os animais, há um banco de proteínas nas comunidades.

## VARIEDADE E EFICIÊNCIA

A diversificação e gestão da produção possibilitaram colheitas maiores do que as necessidades do consumo familiar. Parte dessa produção contribui para a segurança e soberania alimentar da família e com outra parte, excedente, as famílias de Sombras Grandes e Milagres se juntaram com mais 12 comunidades para dar sustentação à Feira Agroecológica de Caraúbas (RN). Com a feira, há uma melhor remuneração do agricultor, preços mais acessíveis ao consumidor e baixos custos operacionais.

Mesmo depois da feira, as famílias de Sombras Grandes e Milagres ainda têm produção excedente. Para acessar outras vias de comercialização, como o mercado institucional do Governo Federal, a Associação se filiou à Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPAPI). Outro canal que o grupo já utiliza, é a venda de cestas de produtos agroecológicos com entrega na casa dos consumidores de Mossoró, município polo situado a 100 km de Caraúbas.

Junto à ampliação da produção de alimentos, as comunidades foram se equipando de tecnologias sociais que facilitam o processo de convivência com o

Semiárido: cisternas de placas de 16 mil litros para captar e armazenar água da chuva para consumo humano (beber, cozinhar e escovar os dentes), uma adutora para levar água do poço para as residências, um minhocário e uma unidade de beneficiamento das frutas. Todas essas tecnologias foram conquistadas pela atuação da Associação, que atualmente ganhou uma sede.

## O TERRITÓRIO

O Sertão do Apodi, no Rio Grande do Norte, abrange uma área de quase de 8,3 mil Km<sup>2</sup> e é composto por 17 municípios, tendo como município polo Apodi com mais de 20 mil habitantes.

A população total do território é de 157.247 habitantes, dos quais 55.790 (35,48%) vivem na área rural. Moram lá 9.152 agricultores familiares, 2.860 famílias assentadas e uma comunidade quilombola. Caracteriza-se por ser um território tipicamente rural, com densidade demográfica de 19 habitantes/km<sup>2</sup>, bem inferior à média do Estado, que é de 52,30 hab/Km<sup>2</sup>. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) médio é 0,63. O IDH leva em consideração indicadores de longevidade, educação e renda. Todos os municípios do Semiárido apresentaram IDH inferior ao do Brasil, que é de 0,727.

Situado numa altitude que varia entre 100 a 160 m, os índices pluviométricos giram em torno dos 677 mm/ano, uma boa média considerando que a precipitação das chuvas na região do Semiárido brasileiro varia entre 200 a 800 mm por ano.

O Sertão do Apodi é banhado pela maior bacia hidrográfica estadual, a do rio Piranhas - Açú, e pela segunda maior, a do rio Apodi - Mossoró. As águas dos rios Apodi e Upanema são amplamente utilizadas para a irrigação de monoculturas de frutas das empresas do agronegócio.



# 15

## ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO



### LOCALIZAÇÃO:

Município de  
Independência – Ceará



### BOA PRÁTICA:

Educação para a convivência com o Semiárido na perspectiva do associativismo envolvendo a família nos processos educativos, no modelo da pedagogia da alternância.





## ABRANGÊNCIA:

ENVOLVE  
ALUNOS  
DE **17** MUNICÍPIOS  
DA REGIÃO



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Cáritas Diocesana, Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal de Educação.

**13**

ANOS DE HISTÓRIA ATUALMENTE COM

**74**

JOVENS EM  
FORMAÇÃO





# Educação com identidade camponesa

O respeito à cultura da comunidade é parte integrante das escolas dedicadas à educação contextualizada





Uma escola que tem como pilares o associativismo, a alternância, a formação integral e o desenvolvimento sustentável local. Estes são os princípios que regem a Escola Família Agrícola (EFA), Dom Frágoso, que já se faz presente em 17 municípios do estado do Ceará. Fundada em 2002, a iniciativa nasceu de trabalhadores e trabalhadoras da região que se organizavam em torno da Diocese de Crateús em Comunidades Eclesiais de base (CEBs), para trabalhar pela educação sindical, na luta pela terra e pela vida.

Na época, a escola iniciou com apenas 27 educandos, oferecia a 5ª série do Ensino Fundamental com orientação profissional, o que hoje se chama 6º ano. A proposta é realizar uma educação para a convivência com o Semiárido, trabalhando na perspectiva do associativismo envolvendo a família no protagonismo

educativo. Para valorizar o vínculo com a família, os amigos e o meio e favorecer a aprendizagem, usa-se a pedagogia da alternância entre escola, família e comunidade.

## EDUCAÇÃO PARA A VIDA: O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA FAMILIAR AGRÍCOLA

A EFA se propõe a oferecer uma formação integral, desenvolvendo a pessoa como um todo, potencializando o trabalho e a cultura camponesa. A escola faz com que seus educandos sejam responsáveis pelo seu percurso formativo. A EFA Dom Frágoso foi fundada há 13 anos e conta com 74 alunos. Para se manter, a escola celebra convênios, faz projetos e recebe doações. Na esfera da produção agri-



cola tem hortaliças, frutas, mel de abelha, criação de caprinos, ovinos e suínos. Essa produção é para alimentação dos estudantes. O excedente é comercializado para contribuir com a manutenção da escola.

A família do educando também assume parte da alimentação, despesas com material escolar, estágio e visitas de estudo. A escola se articula com o poder público para pagar os salários de monitores e professores, garantindo transporte escolar, equipamentos e móveis. Junto a Organizações Não Governamentais ou outras parcerias consegue articular cursos de formação, seminários, material didático entre outros.



**A EFA FOI PENSADA, EXCLUSIVAMENTE, PARA OS JOVENS DO CAMPO, NUMA PERSPECTIVA DE JUNTAR O CONHECIMENTO PRÁTICO COM A TEORIA, POSSIBILITANDO A TROCA DE SABERES E A INTERDISCIPLINARIDADE.** A metodologia é passar duas semanas na escola e duas com a família agricultora e a comunidade. É neste ambiente que o educando desenvolve seu plano de estudo, pesquisa e coloca em prática as suas descobertas.

Esse formato de escola beneficia estudantes do meio rural e fortalece a identidade camponesa. Colabora para o engajamento de jovens rurais nas questões sociais e favorece a articulação de ações comunitárias, colaborando com seu grupo familiar numa perspectiva de profissionalização dos jovens que não pretendem deixar o campo.

“

Priorizamos uma educação que dialogue com a convivência com o Semiárido, quer dê conta da sua realidade, e voltada para a pedagogia da alternância, promovendo uma interação entre escola e comunidade. Assim, obtemos bons resultados, pois os jovens recebem uma boa formação, fruto do empenho prático de envolvimento entre o educando e a família. São jovens que saem com condições de potencializar as unidades de produção da família.

**Eliane Amorim,**

coordenadora da Escola Família Agrícola Dom Frágoso



Também estimula o jovem rural a pensar a sua região a partir do desenvolvimento sustentável, um lugar onde as pessoas contam, o meio ambiente, e a agricultura camponesa sigam os princípios da agroecologia.

Esse trabalho resulta em jovens com uma boa formação, fruto do empenho prático do educando, e da família. São jovens que saem com condições de potencializar as unidades de produção da família e

inspirar a comunidade. Os cursos têm o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação e do MEC.

Atualmente, a escola conta com uma equipe de oito monitores, quatro professores, dois cozinheiros e um caseiro. Todos, dedicam-se para proporcionar uma educação de qualidade à juventude rural.





# 16

## JOVENS ADS



### LOCALIZAÇÃO:

Subterritórios de 34 municípios do Semiárido baiano



### BOA PRÁTICA:

Mobilização e formação de jovens em agentes de desenvolvimento e lideranças comunitárias para acompanhar e assessorar os grupos locais, servindo de elo entre o projeto e as comunidades.





## PÚBLICO/ENVOLVIMENTO:



## FORMAÇÃO:

Capacitações em agroecologia, assessoria técnica e convivência com o Semiárido.



## RESULTADOS:

Engajamento na vida comunitária como líderes e mobilizadores locais.  
Jovens formados para prestar serviços de assessoria técnica.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Governo da Bahia/ Projeto Gente de Valor (PGV)  
e Fundo Internacional para o Desenvolvimento  
Agrícola (FIDA).



A young woman with dark hair, wearing a purple polo shirt with a graphic design, is smiling and holding a large leafy green vegetable. She is sitting in a rural setting with a thatched roof structure made of palm fronds and wooden poles. In the background, there are more similar structures and a hillside with sparse vegetation. The scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

## **Protagonismo jovem potencializa desenvolvimento local**

**O futuro do campo depende da criação de condições dignas e oportunidades de estudo e trabalho para que a juventude possa optar pela permanência na zona rural**





No Semiárido, um dos grandes desafios ao desenvolvimento da região é a saída dos jovens do campo por dificuldades de geração de renda, reforçada pela crença, inculcada na juventude, de que o lugar não oferece perspectiva de crescimento. Por isso, envolver jovens em projetos de desenvolvimento é uma inovação relevante e eficiente, tanto na formação da própria juventude, como na integração da ação na vida comunitária.

Em 2009 e 2012, o **PROJETO GENTE DE VALOR**, fruto da parceria Governo da Bahia e o Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), selecionou e capacitou 203 jovens, de 18 a 25 anos, para atuar como agentes mobilizadores em subterritórios de 34 municípios do Semiárido baiano. Foram 121 mulheres e 82 homens. A maioria feminina foi um dos critérios da seleção – mínimo de 50% das vagas. Além do

estabelecimento da cota, o maior preparo das moças em relação aos rapazes e o alto índice de migração dos rapazes foram fatores favoráveis ao envolvimento de mais mulheres.

É interessante destacar que mais de dois terços das pessoas contratadas tinham algum tipo de engajamento na vida comunitária através de associação, grupo de jovens ou igreja. Também vale ressaltar nesse processo a participação de jovens quilombolas e indígenas das etnias Kantaruré, Kiriris, Tumbalalá e Tuxá.

E assim esse jovens, chamados de Agentes de Desenvolvimento Subterritorial (ADS), passaram por momentos de formação em agroecologia e convivência com o Semiárido, nos quais também foram debatidos temas como equidade de gênero e meio ambiente. A inclusão dos jovens garantiu



capilaridade ao projeto, facilitou a comunicação entre as equipes técnicas e as comunidades e promoveu a confiança e a participação efetiva dos agricultores nas ações. Um dos grandes resultados da atuação dos jovens foi a criação de novas associações ou a reestruturação das já existentes nos subterritórios rurais.

## O QUE MUDOU NA VIDA DOS JOVENS?

**Os jovens superaram sua dificuldade de falar em público, muitas vezes ocasionada por insegurança quanto à sua capacidade, ampliaram a participação na vida comunitária e passaram a acreditar que as mudanças sociais acontecem quando as pessoas se mobilizam para isso.**

Para as mulheres, a separação entre os espaços privado e o público era ainda maior devido à sociedade patriarcal. Elas descobriram que podem ir além do que ser donas de casa e que, para conquistar os seus direitos, é preciso ocupar os espaços públicos.

Estimulados pela formação em associativismo, muitos jovens se envolveram na gestão da associação comunitária, como presidente ou membro da diretoria



da associação, proporcionando novos conhecimentos para as entidades, renovando o quadro de lideranças e envolvendo mais as mulheres nos espaços de decisão. Isso aponta que a experiência como agentes de desenvolvimento promoveu uma ascensão e desenvolvimento social dos jovens e das mulheres, que mudou as relações de poder constituídas. Foi dado um impulso à renovação do tecido social local, já muito marcado pela estagnação, envelhecimento e esvaziamento devido ao êxodo rural, principalmente da juventude.



A experiência em ser ADS me trouxe oportunidades para ajudar as comunidades e associações do meu território. Comecei a contribuir e participar de diversos espaços políticos e de formação. Também me deixou ainda mais determinada para realizar meus sonhos de vida: ser professora rural.

**Eziane Cardoso**, ex-agente de desenvolvimento subterritorial (ADS).



## RESULTADOS CONCRETOS

Do primeiro grupo de jovens ADS, composto por 104 pessoas, 24 pensavam em terminar os estudos e arranjar um emprego qualquer fora da aldeia ou da comunidade. Os novos conhecimentos adquiridos, o acesso a uma renda regular e a satisfação em exercer um cargo de responsabilidade, com reconhecimento e respeito da comunidade os fez ressignificar sua relação com o espaço onde vivem.

Eziana Cardoso participou da primeira turma. Ela é uma das lideranças jovens formadas pela igreja e tinha experiência na associação da comunidade onde nasceu. Como ADS, ela pode trabalhar de forma remunerada para o desenvolvimento local e vivenciou processos de formação e acompanhamento de campo com famílias de camponeses. **“O que me motiva mesmo é que, através dessas atividades sociais, eu tenho a possibilidade de ajudar. Encontro novas informações e também mais motivação”.**

Eziana enfrentou preconceitos por ser jovem e mulher no começo de seu trabalho. “Mas a gente conseguiu, com o apoio da minha família e também do meu marido. Porque é assim, a gente tem as mesmas capacidades, basta só o espaço para demonstrar, e isso foi o que eu fiz”.

Ter sido um ADS possibilitou a Eziana, assim como a outros agentes, abrir as portas para novas experiências profissionais. Ela trabalhou como facilitadora das formações oferecidas pela Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA).

## MIGRAÇÃO DA JUVENTUDE E ENVELHECIMENTO DO CAMPO



A população do campo na região semiárida brasileira vive um processo de envelhecimento. Segundo dados coletados pelo Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro de 2010 (IBGE), para cada grupo de 100 jovens (até 14 anos de idade), há 42,55 idosos (60 anos ou mais de idade).

Outro dado apontado pelo Censo é que, no intervalo de 10 anos (2000 a 2010), o número de pessoas entre 16 e 24 anos passou de 18% para 16% da população total. Isso significa menos 660 mil jovens no campo.

Importante situar que, na década de 1990, o IBGE observou forte migração de retorno do Sudeste para o Nordeste. Hoje, essa migração vem perdendo força, não é tão grande como já foi, mas ainda há.



17

# SISTEMA BIOGUA



## LOCALIZAÇÃO:

APODI

Sertão do Rio Grande do Norte



## BOA PRÁTICA:

Reutilização da água cinza para a irrigação e produção em quintais das famílias, mais uma tecnologia social e estratégia de convivência com o Semiárido.



ESTÃO SENDO IMPLEMENTADOS



**200**  
SISTEMAS DE BIOÁGUA  
FAMILIAR NA REGIÃO

ENVOLVENDO



**200**  
FAMÍLIAS

E FORMAÇÃO DE



**120**  
JOVENS EM EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL NAS ESCOLAS  
RURAIS

LIGADAS AS COMUNIDADES CONTEMPLADAS



## RESULTADOS:

O Sistema foi desenvolvido para retirar toda a gordura da água e não produzir novos resíduos. Tudo o que resulta do processo de filtragem da água – a gordura e a serragem do filtro – são incorporadas na compostagem para servir de adubo nos canteiros.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Projeto Dom Helder Camara (PDHC)/Ministério do Desenvolvimento Agrário, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e Assessoria, Consultoria e Capacitação Técnica Orientada Sustentável (Atos).





# Reuso de água permite maior produção de alimentos no Semiárido

A reutilização de água é realidade em diversas comunidades do Semiárido nordestino e um exemplo a ser seguido para a preservação do meio ambiente





O Sistema Bioágua Familiar (SBF) é uma tecnologia que torna a água da lavagem de roupa, louça e do banho pronta para uso na irrigação de fruteiras e hortaliças. A água já servida, como costuma ser chamada pelas famílias agricultoras do Semiárido, é conhecida como água cinza pela sua aparência turva devido à presença de resíduos de alimentos e produtos de limpeza.

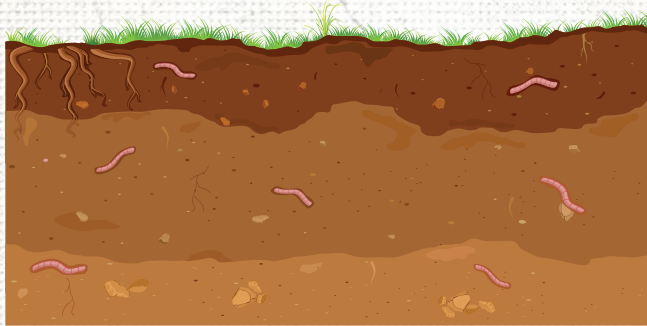
### **ESTIMA-SE QUE A ÁGUA CINZA CORRESPONDA DE 50% A 80% DO VOLUME QUE SERIA DESPREZADO PARA O ESGOTO RESIDENCIAL NOS ESPAÇOS URBANOS.**

Devido à diminuição das reservas de água doce no mundo, a reutilização da água cinza – tanto para uso doméstico como para o sistema de irrigação – é uma ação de cuidado com o meio ambiente. Nas regiões áridas ou semiáridas, o reaproveitamento da água cinza é uma prática bastante comum. No Semiárido brasileiro não é diferente. No território do Apodi, no estado do Rio Grande do Norte, estão sendo implementados 200 Sistemas de Bioágua Familiar. Um deles no assentamento Nova Morada, no município do Caraúbas.

### **COMO FUNCIONA**

O SBF foi desenvolvido para retirar toda a gordura da água e não produzir novos resíduos. Tudo o que resulta do processo de filtragem da água – a gordura e a serragem do filtro – são incorporadas na compostagem para servir de adubo nos canteiros.





Na sua estrutura, há um filtro biológico, composto por várias camadas de diferentes materiais filtrantes. Na parte superior deste filtro, estão as minhocas e o húmus produzido por elas a partir da ingestão do material orgânico presente na água cinza. Esse húmus é direcionado para enriquecimento do solo nas áreas de plantio. Dessa forma, o SBF tanto torna a água reutilizável para a irrigação do quintal das famílias quanto produz biofertilizantes para tornar a terra mais forte.

O Sistema Bioágua é abastecido com a água cinza que chega por gravidade e cai no filtro de forma distribuída como em um chuveiro. Mais informações sobre o funcionamento no portal [www.bioaguafamiliar.org.br](http://www.bioaguafamiliar.org.br).



No assentamento Morada Nova, a área das fruteiras e das hortaliças é irrigada por gotejamento, com duas linhas para fruteiras e uma linha para hortaliças. Também há dois canteiros que recebem três linhas cada. Nesse espaço irrigado com a água filtrada no SBF se cultivam, aproximadamente, 31 espécies de plantas. Essa diversidade é importantíssima para a estabilidade do sistema e equilíbrio das pragas.

**A IMPLANTAÇÃO DA TECNOLOGIA REFORÇA AS CONDIÇÕES DE SEGURANÇA ALIMENTAR, NUTRICIONAL E HÍDRICA DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS, PROMOVENDO MELHORIAS NA RENDA E NA SAÚDE, E SE CONSOLIDA, ACIMA DE TUDO, COMO UMA ESTRATÉGIA DA POPULAÇÃO VIVER NA REGIÃO.**

## **TECNOLOGIA EM SINTONIA COM O SEMIÁRIDO**

Sem dúvida, esta tecnologia associada a outras, como as cisternas de placas de cimento que armazenam água da chuva para consumo humano, produção de alimentos e consumo animal, proporcionam às famílias maiores condições de convivência com o Semiárido. Isto porque elas têm a autonomia para gerir a reserva de água da sua propriedade para que dure todo o período de estiagem.

No projeto de disseminação desta tecnologia no estado do Rio Grande do Norte, uma estratégia importante para o bom funcionamento e integração dos SBFs nos sistemas produtivos das famílias é envolver os agricultores, e principalmente a juventude local, em formações práticas. A capacitação é um elemento tão





Através do nosso trabalho de mobilização e capacitação na implementação do Sistema Bioágua, estamos contribuindo para melhorar a vida das famílias com mais acesso à água e qualidade de vida.

Sem dúvida, esta tecnologia associada a outras, como as cisternas de placas de cimento que armazenam água da chuva para consumo humano, produção de alimentos e consumo animal, proporcionam às famílias maiores condições de convivência com o Semiárido

**Henrique Junior,**

jovem mobilizador da implantação do Sistema de Bioágua

importante na utilização desse sistema que o espaço dedicado à construção do conhecimento é chamado de **BIOÁGUA ESCOLA**.

A formação acompanha os ciclos de reuso da água e dos cultivos e faz com que os participantes entendam os mecanismos de funcionamento dos subsistemas do SBF, tanto de forma isolada quanto de forma integrada. O processo de aprendizagem é permeado por momentos de reflexão sobre o funcionamento do Bioágua e sobre os benefícios que esta tecnologia pode trazer para a produção de alimentos, além de outros assuntos.



## INOVAÇÃO NA PRÁTICA

Os participantes são capacitados e estimulados a realizar experimentações participativas aliadas a um trabalho de educação ambiental nas escolas das

comunidades e assentamentos que receberão os sistemas bioágua.

O SBF está sendo implantado em propriedades rurais de 200 famílias agricultoras no Território do Sertão do Apodi, onde foi desenvolvida a tecnologia. O projeto prevê também a formação de mil agricultores para a implantação, manejo e manutenção do SBF, além da capacitação em educação ambiental de 120 alunos de escolas rurais ligadas a estas comunidades.

A execução deste projeto resulta de uma estratégia integrada de desenvolvimento rural sustentável envolvendo como patrocinadora a Petrobras, através do Programa Petrobras Socioambiental, e como proponente da ação a organização ATOS. São parceiros, o Projeto Dom Helder Camara (PDHC) / Ministério do Desenvolvimento Agrário / Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) / GEF; a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e as escolas públicas e associações comunitárias das comunidades / assentamentos da área de atuação do projeto.





# 18

## REDE GAVIÃO



### LOCALIZAÇÃO:

Sudoeste da Bahia



### MUNICÍPIOS DE ATUAÇÃO:

Piripá, Condeúba, Licínio de Almeida, Mortugaba, Jacaraci, Guajeru, Malhada de Pedras, Caculé, Pindaí, Tremedal, Belo Campo, Anagé Cordeiros



**610** AGRICULTORES/AS FAMILIARES



**3500** FAMÍLIAS ENVOLVIDAS







## BOA PRÁTICA:

Formação de uma rede no intuito de promover articulação e desenvolvimento das cadeias produtivas do leite, cana, mel, mandioca, frutos da Caatinga e café, transformando-se em um do coletivo das Cooperativas envolvidas (COODELEITE, COODECANA, COOPEMEL, COOPERMAN, COOPERBAC E COPROAF)



## RESULTADOS:

A Rede Gavião acessou as políticas públicas fortalecendo a capacidade organizacional e gerencial rumo ao desenvolvimento integrado e sustentável da cadeia produtiva das Cooperativas associadas.



## RECONHECIMENTO:

A Rede executou o projeto Balde Cheio, em 2009, finalista do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Projeto Gente de Valor/PGV (cooperação entre o Governo do Estado da Bahia e o Fundo Internacional do Desenvolvimento Agrícola/FIDA); Assistência Técnica e Expansão Rural (ATER), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Banco do Brasil, Colegiado Territorial de Vitória da Conquista e as prefeituras municipais de Barra do Choça e Licínio de Almeida, Associações comunitárias localizada no município de Piripá; Taquaril dos Fialhos e Cana Brava, no município de Lucínio de Almeida; Vale do Jacaré em Condeúba e Jacaré, (Mortugaba) e Universidade Estadual da Bahia (UESB).



# EA

FORTALECENDO O ASSOCIATIVISMO  
E O COOPERATIVISMO DA AGRICULTURA  
FAMILIAR DA REDE GAVIÃO.



## Rede Gavião articulando cooperativas

Organização não governamental atua para fortalecer  
a agricultura familiar com ações de assistência  
técnica e acesso ao crédito





Criada em 2006, a Rede Gavião nasceu com a missão de articular associações e cooperativas da agricultura familiar. A Rede surge com o objetivo de fortalecer os grupos produtivos e articular a comercialização da produção da agricultura familiar no Sudoeste da Bahia: de Vitória da Conquista ao Sertão Produtivo. Ou seja, os territórios do Vale do Rio Gavião.

A Rede é fruto do projeto Pró-Gavião, executado pelo Governo da Bahia entre 1997 e 2006, com o apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). A proposta era criar uma central de negócios que integrasse a cadeia produtiva do leite, da cana, do mel e da mandioca, vindo-se a somar, em 2014, o café. Recentemente integrou também o beneficiamento do umbu e de outros frutos da Caatinga. **Hoje, a Rede Gavião é formada pelas cooperativas COODELEITE, COODECANA, COOPEMEL, COOPERMAN, COOPERBAC E COOPROAF.**



## FOCO NA AGRICULTURA FAMILIAR

A Rede Gavião tem se consolidado como uma Organização Não Governamental (ONG) captadora de recursos e de execução de projetos no território. Seu foco, entretanto, está nos empreendimentos da agricultura familiar. Também tem se mostrado uma



Quero contribuir muito mais com os empreendimentos da agricultura do meu território. Quero permanecer na minha região contribuindo para produção e comercialização de gêneros alimentícios de base agroecológica, fortalecendo com as organizações sociais e incentivando a juventude a participar dos espaços políticos e de formação.

**Denilson Moura**, faz parte da direção da Rede Gavião.





rede com capacidade de resolver gargalos no âmbito da comercialização institucional como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Atua ainda, facilitando o acesso a crédito e no fortalecimento do capital de giro das Cooperativas associadas.

Atualmente, a Rede Gavião tem funcionado como uma “agência” de fomento para o desenvolvimento da agricultura familiar na região. Promove formação e assessoria técnica para diversificar o sistema produtivo familiar. A assessoria técnica busca fortalecer as associações e grupos de agricultores. É responsabilidade das Cooperativas realizar a comercialização da produção.

No âmbito da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), a Rede Gavião executou também o projeto

Balde Cheio, que em 2009 foi finalista do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social. O projeto foi implantado no município de Licínio de Almeida, Bahia, em 2002, numa parceria com a Prefeitura Municipal e o Banco do Brasil (BB). A implantação e o acompanhamento das unidades demonstrativas foram feitos pelos técnicos da Rede Gavião. Um dos resultados dessa ação foi o aumento da produção de leite de um dos agricultores cooperados que dobrou sua produção sem aumentar o número de animais. Outros cooperados também se beneficiaram com a ação.



**O PROJETO BALDE CHEIO  
AJUDOU A MELHORAR A  
CADEIA PRODUTIVA DO LEITE**



O projeto Balde Cheio ajudou a melhorar a cadeia produtiva do leite. Entretanto, o avanço na comercialização foi muito tímido, inclusive no mercado institucional. A COODELEITE teve dificuldades de absolver toda a produção dos seus associados.



## ARTICULAR E ORGANIZAR

O êxito do trabalho da Rede Gavião está na articulação e organização das Cooperativas, contribuindo para o seu fortalecimento. Outro elemento importante a considerar é que a Rede possibilitou a dinamização da economia local, valorizando a agricultura familiar. As parcerias feitas com o poder público local e outros atores sociais favoreceram esse sucesso.

A Rede também ganhou credibilidade junto aos Colegiados Territoriais e Prefeituras da região. Hoje,

tem o respeito das Cooperativas e associações com as quais trabalha, pois sua ação valoriza os talentos locais, e inclui jovens e mulheres nas dinâmicas e ações da organização.

Algumas dificuldades ainda precisam ser superadas como conectar o trabalho da Rede, as Cooperativas e os programas que executa. Outra dificuldade está na estrutura precária de algumas Cooperativas, dependentes da Rede. Há, ainda, a necessidade de recursos para manutenção da estrutura da Rede.

O gargalo da comercialização é um grande desafio a ser enfrentado. É necessário desenvolver estratégias de superação para escoar a produção. Além disso, é fundamental organizar o capital de giro para manter a estrutura e o trabalho quando a comercialização dos produtos estiver comprometida.



19

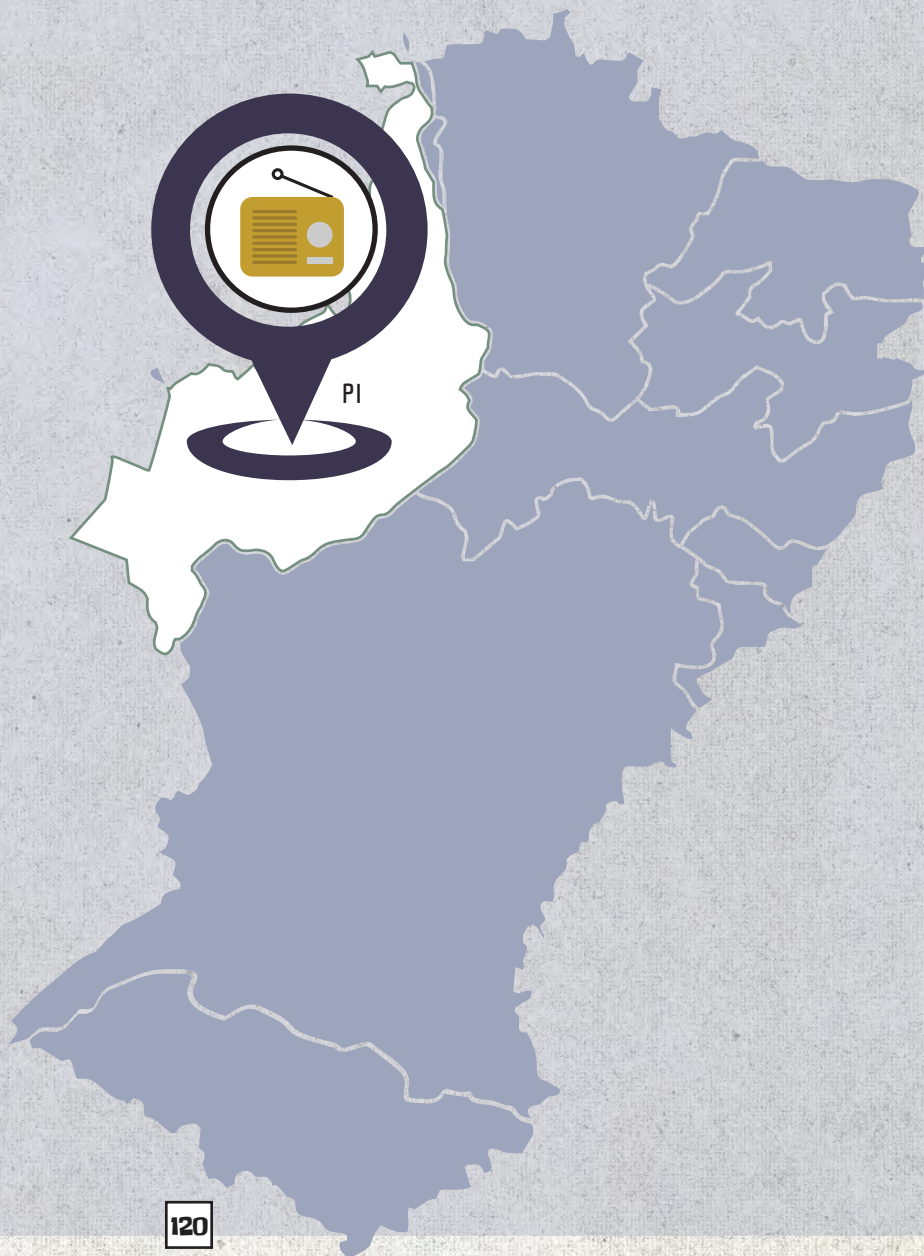
# COMRÁDIO BRASIL

Projeto Jovens Radialistas do Semiárido



## LOCALIZAÇÃO:

SEMIÁRIDO DO PIAUÍ  
Municípios de Picos, Oeiras e  
São Raimundo Nonato







## BOA PRÁTICA:

A comunicação (o rádio) como instrumento de empoderamento, profissionalização e inclusão social para os jovens rurais do Piauí.



## PARCEIROS ENVOLVIDOS:

Petrobras, Conselho Estadual de Educação do Piauí, Sindicato dos Radialistas do Piauí e Secretaria Estadual de Trabalho, Emprego e Empreendedorismo – SETRE-PI

## INCIDÊNCIA:



**240** JOVENS FORMADOS

em radialismo voltados para a convivência com o Semiárido no período de

**2 ANOS**





# Comunicação como estratégia de desenvolvimento rural para jovens do Semiárido do Piauí

Projeto Jovens Radialistas tem como princípio formar radialistas dentro de uma metodologia que promova o acesso à produção e a disseminação de conhecimento





Comunicação como estratégia de sucessão rural e inclusão social para a juventude no Semiárido piauiense. É o que tem feito o Instituto ComRádio do Brasil localizado em Teresina – PI formando e mobilizando aos jovens rurais para o ofício do radialismo voltada para a convivência com a região e o fomento de debates pertinentes ao contexto da região, através do Projeto Jovens Radialista, cuja atuação envolve os municípios de Picos, Oeiras e São Raimundo Nonato.

O Instituto é uma Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, de cunho cultural e educativo na forma midiática e hipermediática. O Projeto Jovens Radialistas do Semiárido atua na promoção do protagonismo através da formação em comunicação social voltada preferencialmente para jovens agricultores, familiares e quilombolas da região do Semiárido brasileiro.

A comunicação contribui para o desenvolvimento local quando uma comunidade coloca todo seu potencial comunicativo a serviço da promoção do desenvolvimento pessoal, social, político, econômico, cultural e ambiental de seus integrantes e de seu entorno. Formar comunicadores e comunicadoras com este propósito implica na produção de mídias e utilização de tecnologias e espaços de informação para empoderar as pessoas e acreditar que todas e todos podem ser agentes transformadores de sua realidade.

Por essa razão, o Projeto Jovens Radialistas tem como princípio formar radialistas dentro de uma metodologia que promova o acesso à produção e a difusão de conhecimento, a livre expressão, a ampla participação e a harmonia social, para permitir que a comunidade, através do trabalho destes novos profissionais, identifique seus problemas, construa



consensos sobre o futuro desejado e, sobretudo, se responsabilize por torná-lo realidade.

EM 2 ANOS  
FORMOU



240  
JOVENS

O Projeto pretende reduzir a pobreza entre os jovens e promover o desenvolvimento local, através da formação profissional em comunicação a serviço da educação no Semiárido piauiense. Para alcançar esse objetivo, o curso profissionalizante em radialismo já formou, em 2 anos, 240 jovens nos municípios de abrangência do Projeto.

O curso é reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação do Piauí, resolução 081/2012, e é executado em parceria com o Sindicato dos Radialistas do Piauí e Secretaria Estadual de Trabalho, Emprego e Empreendedorismo – SETRE-PI. No final do curso, os alunos aprovados receberão o registro profissional de radialista válido em todo o território nacional, em conformidade com a lei 6.615 de 16 de dezembro de 1978.

Com uma metodologia inovadora o curso amplia o protagonismo dos jovens participantes através da

realização de campanhas educativas, produção de programas de rádio e outros recursos radiofônicos com temáticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável do Semiárido. A metodologia também tem como ponto de partida a experiência dos alunos, além disso, dialoga com a comunidade através dos Espaços de Diálogo e da veiculação dos recursos radiofônicos produzidos dentro do curso nas emissoras de rádio locais.



Os jovens que participam do Projeto realizam campanhas educativas, produzem programas e outros recursos radiofônicos. As temáticas trabalhadas nas



Não é fácil você fazer a diferença num universo machista. Sou mulher, negra e jovem. Isso pesa! Mas, como muita perseverança nós jovens, envolvidas no Projeto, temos demonstrado que somos capazes de transformar a nós mesmos e o nosso entorno.

**Marcília Rodrigues (Chitara)**, jovem do Assentamento Quilombola Saco



peças são relacionadas ao desenvolvimento sustentável do Semiárido. O Blog Memória do Projeto e a Radioweb ao Vivo são ferramentas utilizadas para realização dos diálogos sobre os conteúdos trabalhados pelos jovens.

O Blog também serve para monitorar as atividades do projeto. Tanto os apoiadores do projeto quanto a comunidade podem ler os textos produzidos e olhar as fotos, gráficos e vídeos disponibilizados. As interações podem ser feitas através do facebook. Já a Rádioweb é um laboratório, alunos e alunas apresentam programas ao vivo e veiculam as peças radiofônicas produzidas. Na radioweb também há um banco de vozes de alunos e alunas para as empresas ou agências que queiram contratar os comunicadores.

O Sistema de Informação Cidadão (SIC), também é outra ferramenta do projeto. É um site que ainda se encontra em fase de instalação. O SIC servirá de observatório das políticas públicas de convivência com o Semiárido. No site serão disponibilizadas notícias produzidas por alunos e alunas do projeto sobre o andamento das políticas, assim como pesquisas e indicadores que auxiliem entidades e organizações que trabalhem com as questões do Semiárido piauiense.

Para garantir a sustentabilidade do Projeto Jovens Radialistas do Semiárido, que no seu início recebeu o apoio da Petrobras, a Rede de Comunicadores do Semiárido (Recomsem) será ampliada. Dentre as atividades previstas estão a produção e distribuição de conteúdos para as rádios locais. Também pretende investir em cursos de formação em comunicação

como forma de gerar renda. A Rede também irá gerir o site que será organizado de forma a se transformar numa agência de notícias, produzindo conteúdos para outros veículos.

Para a jovem Marcília Rodrigues, mais conhecida como Chitara, do Assentamento Quilombola Saco, município de São João do Piauí, o Projeto tem proporcionado a formação política da juventude e o protagonismo no Semiárido como caminho para o desenvolvimento do território na busca por um futuro melhor. “Não é fácil você fazer a diferença num universo machista. Sou mulher, negra e jovem. Isso pesa! Mas, como muita perseverança nós jovens, envolvidas no Projeto, temos demonstrado que somos capazes de transformar a nós mesmos e o nosso entorno”, ressaltou Chitara.

O Projeto Jovens Radialistas estimula, de forma transversal, temas relacionados ao Monitoramento das Políticas Públicas de Convivência com o Semiárido, debatidas na perspectiva da transformação social. E assim, a comunicação e a cultura são “meios” estratégicos para a afirmação do paradigma da convivência com a região e para fortalecer a autoestima e o protagonismo da juventude local.





# SEMIÁRIDO DO NORDESTE DO BRASIL

## INVENTÁRIO DE BOAS PRÁTICAS

**Procasur**



**PROCASE**  
PROJETO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
DO CARIRI, SERIDO E CURIMATAU

**Semear**  
Conhecimento em zonas semiáridas  
do nordeste do Brasil

**FIDA**  
Investindo nas populações rurais

